



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XIV
COLEGIADO DE HISTÓRIA

**DEVOÇÕES E FESTEJOS CATÓLICOS NO MUNICÍPIO DE
RIACHÃO DO JACUIPE- BA (1950-2000)**

Conceição do Coité

2017

IARRAIANA SANTOS DE JESUS

**DEVOÇÕES E FESTEJOS CATÓLICOS NO MUNICÍPIO DE RIACHÃO DO
JACUIPE- BA (1950-2000)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Universidade do Estado da Bahia como requisito para
obtenção do título de graduada em Licenciatura em
História sob orientação do professor Igor José
Trabuco.

Conceição do Coité

2017

IARRAIANA SANTOS DE JESUS

DEVOÇÕES E FESTEJOS CATÓLICOS NO MUNICÍPIO DE RIACHÃO DO
JACUIPE- BA (1950-2000)

,

Monografia defendida e aprovada pela banca examinadora constituída pelos professores:

Prof. Mestre Igor José Trabuco da Silva (Orientador)

Prof. Doutor Ricardo dos Santos Batista

Profa. Mestre Cristiane Soares de Santana

Conceição do Coité, julho de 2017

A minha mãe por ter me apoiado desde sempre e por ter estado ao meu lado em todos os momentos e em todos os sentidos, com tanto empenho e carinho durante toda a minha trajetória acadêmica (Minha rainha, mainha).

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus por ter direcionado meus caminhos, me concedendo sabedoria e força para concluir o curso, construir essa pesquisa e chegar até aqui.

Agradeço a minha mãe, minha grande incentivadora, e pessoa a quem eu dedico toda a minha perseverança na trajetória acadêmica e a vitória de ter conseguido concluir o curso, pois sempre me impulsionou a buscar meus objetivos e concretiza-los. Mãe foi por você e para você. Agradeço a minha família (Moabia, Robert) pelo apoio e a Osni que me acompanhou pacientemente e esteve ao meu lado durante esta jornada, agradeço aos amigos, pelo incentivo, preocupação e pela torcida desde o início.

Agradeço aos meus colegas de turma pelo companheirismo, pelo carinho, pelos socorros, enfim, pela amizade que se iniciou na Universidade e será levada para a vida. Gostaria de agradecer de modo especial a Leila que de colega se tornou amiga e de amiga se tornou irmã, obrigada pelas inúmeras vezes que me cedeste o aconchego de seu lar quando precisei e pela amizade linda que foi construída, obrigada por ter escolhido a Uneb Campus XIV e consequentemente ter me escolhido como sua irmã. Agradecer ao grande amigo Jackson, que se tornou meu “nego do afoxé”, obrigada por tudo, e conte comigo sempre. A Justino Nunes pela preocupação e o carinho que são sua marca registrada, e parabeniza-lo pelo maravilhoso ser humano e exemplo que és. Agradecer também aos colegas que iniciaram o curso, mas que por diversos motivos trilharam outros caminhos, e que sem dúvidas serão levados em meu coração.

Agradecer aos meus grandes orientadores, a primeira, professora Doutora Íris Verena por ter me acompanhado desde o projeto de pesquisa até a construção de um capítulo do meu trabalho, agradecer a minha segunda orientadora a professora Doutora Marinélia Silva que foi minha professora na educação básica e na graduação. E agradecer de forma especialíssima, ao meu orientador, professor Mestre Igor Trabuco, um excelente profissional, pessoa pela qual eu me identifiquei desde o primeiro semestre do curso ainda na disciplina de Brasil Colônia e pessoa pela qual no decorrer do curso o meu respeito, admiração e carinho só cresceram. Professor que despertou em mim desde o início da trajetória acadêmica o desejo de pesquisar e falar sobre religiosidade. Obrigada, Mestre Igor!

Agradecer as pessoas que compartilharam suas memórias e me cederam às entrevistas para construir este trabalho, pois sem elas seria inviável, meu muito obrigada! Enfim, a todo o corpo da Uneb, aos meus professores, as pessoas que trabalharam e as que ainda trabalham na biblioteca, na administração, no colegiado de História, no laboratório de informática, no Centro de Documentação, na cantina, na reprografia, na limpeza, na guarita e a todas as pessoas que de forma direta ou indireta me ajudaram e contribuíram para que eu chegasse até aqui e concluísse o curso de Licenciatura em História com ingresso no ano de 2012, no segundo semestre. Muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho analisa os aspectos que envolvem a religiosidade e cultura popular em Riachão do Jacuípe- BA, no período que vai entre os anos de 1950 e 2000, de modo a perceber os significados, mudanças e permanências que ocorreram nas práticas religiosas e culturais do município. Busco perceber através das memórias da comunidade como se deram os festejos em louvor aos santos e padroeiros, sendo esses Nossa Senhora da Conceição, São Roque e Santa Rita de Cássia. A pesquisa discute a relação entre os aspectos do sagrado e do profano no contexto dos festejos em louvor aos santos. O caminho metodológico utilizado nesta pesquisa se deu principalmente com o uso das memórias.

Palavras- chave: Catolicismo. Devoção. Festejos. Religiosidade.

ABSTRACT

The present work analyzes the aspects that involve religiosity and popular culture in Riachão do Jacuípe-BA, in the period between 1950 and 2000, in order to understand the meanings, changes and permanences that occurred in the religious and cultural practices of the County. I seek to perceive through the memories of the community how the festivities were celebrated in praise of the saints and patrons, such as Our Lady of Conception, St. Roch and St. Rita of Cassia. The research discusses the relationship between the aspects of the sacred and the profane in the context of celebrations in praise of the saints. The methodological path used in this research was mainly due to the use of memories.

Keywords: Catholicism. Devotion. Celebrations. Religiosity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Mapa de Riachão do Jacuípe.....	17
Figura 2. População em manifestação Profana.....	29
Figura 3. População em manifestação Sagrada.....	29
Figura 4. Irmãs Adilina e Raquel Araújo.....	40
Figura 5. Documento de Registo de Festejo em Louvor a São Roque.....	44
Figura 6. Santa Rita.....	51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I - A DEVOÇÃO CATÓLICA DO POVO JACUIPENSE.....	16
1.1 Entre o Santo e o Orixá.....	20
1.2 Entre o sagrado e o profano.....	25
1.3 A fé católica: Diálogo comum entre os sujeitos.....	30
1.4 Cultura Religiosa e Festas Populares do Povo Jacuipense	32
CAPÍTULO II – O “GLORIOSO” ENTRE AS “SENHORAS”: ROQUE, CONCEIÇÃO E RITA, OS SANTOS DO JACUÍPE.....	37
2.1 A devoção das irmãs Adilina e Raquel.....	39
2.2 O Louvor a São Roque.....	42
2.3 O louvor a Nossa senhora da Conceição.....	47
2.4 Santa Rita exemplo a ser seguido.....	50
2.5. A importância da Igreja Católica e dos Santos Católicos para Riachão.....	55
CONCLUSÃO.....	57
LISTA DE FONTES.....	58
REFERÊNCIAS.....	60

INTRODUÇÃO

Os festejos religiosos representam para uma comunidade um forte elemento cultural. O termo cultura geralmente se relacionava à literatura (acadêmica), música (clássica) e ciência. Depois, ele passou a ser empregado para caracterizar os seus correspondentes populares, literatura de cordel, canções folclóricas e medicina popular. Atualmente, o conceito de cultura tem um sentido bastante dilatado, abrangendo praticamente tudo que pode ser apreendido em uma sociedade desde uma variedade de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) até práticas cotidianas (comer, beber, andar, falar, ler, silenciar) (BURKE, 2005, p.42).

Este elemento cultural torna-se responsável por grandes transformações na história e no cotidiano dos sujeitos, pois ocorrem em virtude dessa prática de festejos que se configuram elemento cultural no momento que possibilita que os sujeitos expressem sua fé e devoção e até modifiquem seu cotidiano em detrimento de tais práticas. A partir dessa ideia será feita uma análise dos festejos em louvor a Nossa Senhora da Conceição, São Roque, Santa Rita de Cássia e das devoções católicas do povo de Riachão do Jacuípe, BA. Discutiremos assim, as práticas de devoção da comunidade jacuipense.

Este trabalho objetiva estudar o contexto religioso dos anos de 1950 a 2000 no município de Riachão do Jacuípe, perceber as características das manifestações e devoções religiosas daquela comunidade proferidas aos santos católicos e apontar a estrutura e realização dos festejos religiosos. Analisando a fé existente por parte da população manifestada no interior destes festejos, assim como, a devoção popular e seus principais aspectos para perceber como se deu a formação da identidade cultural e religiosa da população jacuipense que tem construída uma base religiosa desde sua formação inicial. Ao abordar os 50 anos que vão de 1950 a 2000 busco ampliar os escritos sobre a religiosidade de Riachão nesse período, que são escassos, e principalmente, observar as mudanças e permanências na realização das práticas religiosas dos devotos em um município que tem desde seus primórdios uma forte base religiosa católica e que no ano de 1887 foi elevada a categoria de Vila dedicada a Nossa Senhora da Conceição do Riachão do Jacuípe.

Busca-se também uma discussão sobre religiosidade popular, bem como centralizar o debate para que possamos perceber as diferentes perspectivas de tal conceito, e a partir da discussão perceber os principais pontos levantados acerca da cultura popular. É importante repensar o lugar do catolicismo sendo uma das religiões que mais se destaca no Brasil, por seu

vertiginoso crescimento entre as camadas populares, o catolicismo. E a partir disso entender a religiosidade como uma prática popular que tem um significado próprio para cada pessoa devota, pois, trata-se da fé vivida, sentida por cada fiel em relação a um ser superior que por este é idolatrado, uma crença embutida de fé que se torna partilhada comunitariamente no momento dos festejos. As experiências coletivas são organizadas normalmente, pela Igreja, pelas capelas, onde o povo religioso frequenta no ato de fé e devoção ou no caso da fé individual essa experiência ocorre em casa, quando o fiel dirige-se ao santuário que tem no quarto para rezar, ou quando este, pega o seu terço para reza-lo, ou quando pega o livreto com as ladainhas dedicadas aos santos de devoção para canta-las (reza-las).

As razões do interesse pela cultura popular se deram a partir do momento em que a oficina da história passou a se interessar pelos anônimos em detrimento de personagens “ilustres”, reis, heróis e tramas palacianas, o pesquisador viu-se no dever de dar voz à arraia-miúda. A mudança de paradigmas foi acelerada na medida em que as sociedades ocidentais conheceram, mais cedo ou mais tarde, uma espetacular experiência de massificação da cultura: do livro de bolso à televisão, uma nova circulação de práticas culturais, de transferência de valores, produtos e saberes, convidava, por sua vez, a questionamentos sobre as formas das “partilhas culturais, sobre as resistências à difusão e sobre as hipóteses de uma cultura de massas” (REVEL, 1989, p.45).

Para contextualizar o leitor na problemática do trabalho é importante dizer que o autor, Bakhtin elabora uma teorização do cômico e da cultura popular da Idade Média e do Renascimento. Sublinha que o riso, o burlesco e o aspecto jocoso das manifestações culturais populares tinham a capacidade de produzir uma “dualidade do mundo”, configurando-se uma oposição à cultura oficial (da Igreja e do Estado). Mais ainda. A cultura cômica popular expressou a visão de mundo peculiar das camadas inferiores da sociedade. Mas, apesar disso, esta manteve um permanente, orgânico e dinâmico contato com a cultura oficial, influenciando e sendo influenciada por ela (BAKHTIN, 1987, p.4).

A respeito da descoberta tardia da cultura e religião popular Edilece Couto afirma,

Para os historiadores, a cultura e religião popular é uma descoberta tardia. Os folcloristas e etnólogos já trabalhavam os temas desde o final do século XVIII, quando intelectuais europeus, imbuídos de ideias nativistas, percorriam as pequenas comunidades de seus países em busca de canções, poesias, contos, peças teatrais e devoções das classes subalternas. A primeira fase de coleta foi baseada no entusiasmo em relação ao exótico, primitivo, selvagem e natural, palavras caras a época. Durante o século XIX, a descoberta de uma cultura do povo significava o encontro do europeu com suas origens e, por isso, havia uma identificação com as manifestações culturais tradicionais (COUTO, 2010, p.50).

Os fundamentos teológico-históricos que legitimam os santos da igreja católica e suas festas são recriados pelos agentes populares que incorporam às narrativas outros elementos da lógica cotidiana da comunidade. A legitimidade do saber da religião popular não está atrelada a uma instituição, é um saber fluido, de posse da comunidade, que se legitima pela tradição, porém, mais tarde existe uma tentativa de legitimação dessa religiosidade por parte da Igreja.

A partir disso identifica-se um conflito entre o pensamento da Igreja romanizada e as manifestações exteriores da fé, entre a religião oficial e as tentativas de reforma da religiosidade popular. Nesse contexto aconteceu a redescoberta da religião popular. Mas pensava-se o sentimento religioso dividido em mundos distintos. Acreditava-se na existência de uma religião oficial, baseada na ortodoxia, professada pelo clero e ensinada aos fiéis iletrados. O povo recebia a mensagem cristã e incluía elementos de outras práticas religiosas. Assim, os folcloristas entendiam a religião popular como um conjunto de sobrevivências pagãs, superstições e gestos mágicos, imbricadas com traços de cristianismo. As devoções e festas religiosas populares, que suscitaram tantas discussões e pesquisas, foram compreendidas dessa forma (COUTO, 2010).

Serão pontuadas e discutidas também, as práticas sagradas e as práticas profanas que compõem as festas populares católicas em louvor aos santos realizados pela comunidade jacuiense onde acontecem às missas que costumam ser longas e logo após as missas acontecem às práticas profanas que são a comercialização de bebidas, a ocorrência de leilões com produtos que são doados pela população, a ocorrência de bingos, apresentação de bandas, entre outras práticas. É importante ressaltar que o dinheiro arrecadado nestas festas é enviado para a Paróquia e que todas essas práticas profanas acontecem com o consentimento do pároco e das comissões organizadoras das festas. Festas em que ao tempo que se percebe um elementário sagrado com a realização de missas, orações e procissões, também é permitido o consumo de bebidas alcoólicas, a ocorrência de leilões, de bingos, a comercialização de diversos produtos e apresentação de bandas. Ou seja, o que ocorre é que em vez de um sistema doutrinário que dite regras, a ênfase reside no contato com o santo com todas as ambiguidades que podem estar presentes nessa aproximação. E que em meio ao arcabouço de regras ditadas pela igreja, no contexto da religiosidade popular existe uma autonomia por parte dos fiéis ao realizarem os festejos em louvor aos santos devotos ou padroeiros. Autonomia existente, sobretudo porque a Igreja veio a legitimar essas práticas populares religiosas.

Os caminhos metodológicos utilizados dentro do processo de pesquisa e de construção do trabalho é principalmente a oralidade e diante do contato direto que tive o privilégio de manter com as minhas fontes foi possível perceber que a oralidade é uma metodologia plausível

e relevante, principalmente dentro de um trabalho que apresenta uma versão de passado da história que é analisada e não reconstruída a partir das memórias de pessoas que fizeram e fazem parte destas manifestações e podem muito contribuir na construção do presente trabalho.

Privilegio o trabalho com oralidade na perspectiva de que me possibilite retratar e registrar as memórias individuais e assim me conduzir para uma reinterpretação do passado, assim estou trabalhando com as fontes orais através da realização de entrevistas com alguns moradores de Riachão do Jacuípe onde tenho a preocupação de selecionar estes entrevistados com base nas vivências e experiências dos mesmos. Através da elaboração de um questionário realizo as entrevistas, após a realização das entrevistas ouço e transcrevo as mesmas e a partir disso utilizo trechos no decorrer do trabalho. É necessário o uso da história oral, segundo José Carlos Sebe Bom Meihy que diz o seguinte: “A história oral responde a necessidade de preenchimento de espaços capazes de dar sentido a uma cultura explicativa dos atos sociais vistos pelas pessoas que herdam os dilemas e as benesses da vida no presente” (MEIHY, 2005, p. 24).

A história oral, segundo as autoras Marieta Ferreira e Janaína Amado é entendida como metodologia e remete a uma dimensão técnica e teórica sendo que esta última transcende e concerne a disciplina histórica como um todo. As autoras chamam a atenção ainda para as diversas possibilidades dessa metodologia e aprofundam reflexões em torno de pontos cruciais, relações entre memória e história, principais conceitos e estilos de investigação em história oral, organização de acervos orais, inter-relações entre história oral e história do tempo presente, tipos de entrevistas, formas de narrar trajetórias individuais (biografias, autobiografias, histórias de vida) e ligações entre tradição oral e escrita. As autoras pontuam ainda que a história oral inaugurou técnicas específicas de pesquisa, procedimentos metodológicos singulares e um conjunto próprio de conceitos. E assim abordam que a história oral acaba por adquirir um status de disciplina autônoma, pois,

O testemunho oral representa o núcleo da investigação, nunca sua parte acessória; isso obriga o historiador a levar em conta perspectivas nem sempre presentes em outros trabalhos históricos, como por exemplo, as relações entre escrita e oralidade, memória e história ou tradição oral e história, assim como, o uso sistemático do testemunho oral possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não têm como ser entendidos ou elucidados de outra forma: são depoimentos de analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças, miseráveis, prisioneiros, loucos... São histórias de movimentos sociais populares, de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de versões menosprezadas; essa característica permitiu inclusive que uma vertente da história oral se tenha constituído ligada à história dos excluídos (FERREIRA, AMADO, 1996, p. 14).

Assim, a história oral se constitui como um documento após passar por um processo de construção nas mãos do historiador, processo que vai da escolha dos entrevistados, depois perpassa pela entrevista, transcrição e aí se torna de fato um documento, existe todo um processo, onde as entrevistas possuem uma característica singular, sendo assim, o resultado do diálogo entre entrevistador e entrevistado, entre sujeito e objeto de estudo. A pesquisa com fontes orais apoia-se em pontos de vista individuais, expressos nas entrevistas e estas são legitimadas como fontes, seja por seu valor informativo, ou por seu valor simbólico. Tem suas complexidades e ao mesmo tempo traz depoimentos de diferentes sujeitos que muitas vezes são excluídos da história com relatos de trajetórias individuais e que ao mesmo tempo são partes de histórias comuns.

No primeiro capítulo é apresentada a estrutura social de Riachão do Jacuípe e é analisada, principalmente, a devoção católica do povo jacuipense, que se revela através das manifestações sagradas e profanas que acontecem nos festejos em louvor aos santos padroeiros do município. O segundo capítulo traz uma discussão e análise a respeito da importância de três santos católicos para Riachão do Jacuípe, Nossa Senhora da Conceição, São Roque e Santa Rita de Cássia, além de abordar o louvor a Nossa Senhora das Candeias, no povoado de Baixa Nova. Discute-se, ainda, a trajetória de vida de duas mulheres, Adilina e Raquel Carneiro, que são irmãs e católicas que escolheram servir a igreja, alegando ser a forma de viver mais próximas de Deus e distantes do pecado.

CAPÍTULO I - A DEVOÇÃO CATÓLICA DO POVO JACUIPENSE

Conhecer e problematizar os aspectos acerca da história do município de Riachão do Jacuípe entre os anos de 1950 e 2000 é importante e necessário, sobretudo no que diz respeito aos festejos católicos da cidade, pois são manifestações populares que compõem a cultura do município e que neste trabalho serão discutidas principalmente através das memórias históricas, buscando nessas memórias, perceber as demonstrações exteriores de fé, e a ligação das festas religiosas e populares a ideia de identidade cultural.

Tendo como tema de pesquisa as devoções e festejos católicos no município de Riachão do Jacuípe dos anos 50 até os anos 2000, busco ainda, contribuir nos debates em relação à memória enquanto um caminho para se interpretar a história, analisar os manifestos de fé existentes por parte da população no interior destes festejos, compreender o processo de construção da identidade do povo jacuipense, enfatizar a questão da devoção popular e seus principais aspectos e registrar a existência de um importante patrimônio imaterial que se trata do arcabouço de práticas cultural e popular que ocorre em torno do culto aos diversos santos católicos no cotidiano da população do município.

Tendo o tema citado como base da pesquisa, pretendo entender estas práticas culturais em meio à mistura de crenças que estas despertam. Portanto reconhecendo a importância destes festejos no que diz respeito à memória, história e cultura de um povo. Certamente esta pesquisa virá contribuir na preservação e valorização deste patrimônio cultural imaterial que são os festejos e que expressam similaridades e diferenças e compõe o contexto religioso da comunidade jacuipense. Dessa forma, é importante ressaltar que os festejos organizados em homenagem aos santos padroeiros e pelos quais se tem devoção são sem dúvida de grande significância para a vida de um povo ou comunidade, onde é possível perceber um laço de fidelidade ou uma relação de contrato entre o fiel e o santo protetor que permeia entre diversas interpretações, o que compreenderemos melhor a partir da definição de festas apresentada na citação abaixo,

É preparada, custeada, planejada e montada segundo regras elaboradas no interior da vida cotidiana; envolve a participação coletiva na sociedade em seu conjunto ou em grupos nos quais os participantes ocupam lugares distintos e específicos; aparece como uma interrupção do tempo social, suspensão temporária das atividades diárias, articula-se em torno de um objeto focal: um ente real ou imaginário, um acontecimento, um anseio ou uma satisfação coletiva; e, por fim, pode gerar produtos materiais ou significativos, principalmente a produção de uma identidade (COUTO, 2008, p. 3).

Assim, os festejos em louvor aos santos, se tratam de práticas religiosas que envolvem interesses coletivos e ao mesmo tempo perpassa a fé de cada sujeito, onde existe uma relação de fidelidade do devoto para com o santo pelo qual se tem devoção. E nesse contexto os sujeitos que eram silenciados se tornaram sujeitos ativos, construtores e participantes da história que por um largo período era protagonizada somente pelos homens, brancos.

Para uma melhor compreensão do presente trabalho é importante falar sobre como se deu o povoamento da cidade de Riachão do Jacuípe que começou a se formar na segunda metade do século XVIII, período em que foi encontrada carta manuscrita (Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=292630&search=bahia|riachao-do-jacuipe|infograficos:-historico>) datada do ano de 1800 na qual o padre Diogo, responsável pela freguesia de Itapororocas, solicitou o desmembramento da capela de Riachão e pediu para erguer a freguesia de Nossa Senhora da conceição do Riachão, alegando que a capela ficava muito distante da freguesia de Itapororocas e das matrizes de Água fria e Jacobina. (Disponível em: IBGE, (<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=292630&search=bahia|riachao-do-jacuipe|infograficos:-historico>. Acesso em 08 Abr. 2017))

Figura 1. Mapa de Riachão do Jacuípe



Fonte: IBGE (Acesso em: 08 Abr. 2017)

A carta informava que a região estava bem habitada e que os rios Peixes, Jacuípe e Tocós ao ficarem cheios impossibilitavam a passagem, principalmente em época de trovoadas, assim, os habitantes de Riachão do Jacuípe estavam faltando com bastante frequência aos sacramentos,

pois, os habitantes realizavam os sacramentos nas matrizes de Água Fria e Jacobina, e por conta das cheias nos rios, provenientes das fortes chuvas de trovoadas a população ficava impossibilitada de fazer travessia para frequentar os sacramentos.

Em 1838 foi criada a freguesia com o nome de Nossa Senhora da Conceição do Riachão e a construção da igreja matriz ocorreu durante o século XIX, formada por uma capela de um único vão, adobo e cobertura de palha. As reformas ocorreram em três etapas, com recursos provenientes de doações dos fiéis, como também, doações da Tesouraria Provincial, tendo como responsável o senhor Manoel Gonçalves Mascarenhas e o vigário João Pedreira Lapa, conforme recibos do ano de 1863. As obras só foram concluídas em 1890, com a construção das duas torres e da parte frontal da matriz. Como era de uso, a referida igreja foi construída no mesmo alinhamento da capela do cemitério, tanto que, anteriormente, posicionando-se do altar-mor da igreja, via-se, na mesma linha, as pessoas que estavam na capela do cemitério.

Algumas imagens foram adquiridas antes do início da construção da Igreja Matriz e, a maioria delas, foi trazida de Portugal. As imagens de São Benedito e Santa Efigênia foram compradas pela escrava Zidurinha, que trabalhava com o Pe. Lapa, a imagem de Nossa Senhora da Conceição foi esculpida em Lisboa, o sino também veio de Lisboa até o porto de Cachoeira, Bahia, chegando até Riachão do Jacuípe em um carro de boi, a imagem de Nossa Senhora Santana foi doada, no século XVIII, pelo missionário e padre italiano, o jesuíta Gabriel Malagrida, o qual tinha vindo de Lisboa, onde residia estabelecendo-se em Salvador, onde morou muitos anos prestando incalculáveis benefícios ao povo baiano. As primeiras famílias que habitaram foram Mascarenhas de origem portuguesa, Gonçalves e provavelmente Carneiro. (Disponível em: IBGE, <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=292630&search=bahia|riachao-do-jacuipe|infograficos:-historico>. Acesso em: 08 Abr. 2017)

Da estrutura social de Riachão é possível saber que no ano de 1851 foi aberta a primeira escola, onde funcionava em uma casa residencial e o ensino era apenas para meninos tendo como primeiro professor público, o tabelião Ângelo Ambrósio de Figueiredo. O tenente Coronel Marcolino Gonçalves Mascarenhas, no ano de 1878 foi o primeiro presidente da Câmara Municipal respondendo também pelo poder executivo e logo em seguida foi nomeado o primeiro intendente do município. Anos depois, surgiu à figura do prefeito, sendo este o Coronel José Rufino Ribeiro Lima, primeiro prefeito nomeado pelo governo do Estado. Em 1964, foi o senhor João Moraes Filho, o primeiro prefeito eleito pelo voto popular.

Riachão do Jacuípe é uma cidade que além de religiosa e cultural tem uma base social tradicional, pois desde seus primórdios já tinha uma educação baseada no tradicionalismo, onde meninos e meninas estudavam em espaços diferentes, porém, com o passar dos anos a cidade foi crescendo, se modificando e evoluindo, assim como a história, que nos apresentou a nova história cultural que tem possibilitado o estudo de vários aspectos da sociedade e passou a ter um grande interesse pelo popular e no que diz respeito à cultura e religiosidade popular podemos constatar que Riachão é uma cidade rica e diversa. As sociedades mantêm firme a realização de práticas que são tradicionais e perpetuadas, temos, por exemplo, a população rural que nos apresenta um leque de tais práticas como a bata de feijão que se está presente na cultura popular dos agricultores de Riachão.

Quando está maduro o feijão é colhido. Nas propriedades os feijoeiros são arrancados com raiz e colocados em locais específicos para secagem. Quando o feijão está seco, suas vagens abrem-se com muita facilidade. O produtor, então, leva os feijoeiros secos para um terreiro e com uma vara, vai batendo sobre eles. As vagens então se abrem e os grãos de feijão são liberados. Em muitos locais, principalmente em Minas e nos estados do nordeste é comum vários produtores se ajudarem na bata do feijão. Enquanto batem a vara sobre os feijoeiros, entonam as mais variadas canções e orações para agradecer a São José pela chuva e consequentemente pela boa colheita. Após isso, com auxílio de uma peneira, todo o material é separado, de modo que apenas os grãos do feijão permanecem no interior da peneira, depois é ensacado e conservado. A prática ocorre em pequenas casas de roças e geralmente é realizado por homens, mulheres e até crianças. E de acordo com Dona Francisca, moradora do povoado de Onça e praticante da bata de feijão,

A bata de feijão é trabalho e festa, porque é feita na colheita do feijão. Colhe, coloca ele em cima de uma armação de madeira sob o sol para secar e depois de seco vai batendo nele, um monte de gente, fazem uma ruma enorme de feijão e os homens cantam e dançam em torno... no processo tem canto e reza para agradecer a boa colheita, canta e vai batendo com um cacete de madeira para tira-lo da vargem. Os homens vão batendo e as mulheres vão catando (FRANCISCA DOS ANJOS, 17 Jun. 2017).

Assim, no relato de Dona Francisca fica evidente que a prática cultural religiosa por ela citada traz uma ideia de pertencimento, e desperta o aspecto identitário que surge da questão da religiosidade. Ela ressalta que o ato da promessa que é feita a determinado santo para se conseguir uma boa colheita juntamente com a atividade da bata do feijão, compõe toda uma tradição cultural e, sobretudo religiosa. Dona Francisca relata que na comunidade onde vive, desde muito jovem, ela acompanha as pessoas fazerem suas promessas a São José, que de

acordo com a religiosidade popular é o santo responsável por mandar a chuva para se obter boas colheitas. Ela relata que perpetuou essa tradição que sempre presenciou seus pais praticarem e também faz promessas ao santo a fim de obter bons resultados, não é como há alguns anos atrás porque a seca está mais devastadora a cada ano que passa, mas afirma que São José não a desampara e que a colheita de milho e feijão é sempre o suficiente para a sobrevivência. Assim, percebemos que existe uma prática de devoção direcionada a São José e uma relação direta entre o Santo e a devota.

1.1 - Entre o santo e orixá

Notamos que o catolicismo assim como as religiões afro-brasileiras e os elementos a elas associadas se desenvolveram em espaços de mediação, de confluências e interpenetrações de ritos religiosos, liturgias e visões de mundo. Existe muito de “igrejas” nos “terreiros”, e de orixás nos santos católicos, e assim, ressoam entre eles muitas características de um jeito de pensar o mundo a partir da fé, que se expressa nos terreiros e nas igrejas através das práticas de devoção. Por entender as similaridades e singularidades que permeiam ambas as religiões e entender que existe uma forte relação entre São Roque e Obaluaê que aparece claramente na fala de alguns entrevistados é que busco analisar como acontece e como é vista essa relação pela comunidade.

É importante discutir a fusão de diferentes crenças ou doutrinas religiosas presente no contexto religioso do Brasil que acontece a partir da reinterpretção dos elementos de cada doutrina. Existem dois conceitos de definição para esta fusão, o conceito de hibridismo que é amplo e será analisado a partir da visão de (GRUZINSKI, 2001) e o conceito de sincretismo que é mais pautado e terá uma análise a partir de autores que estudaram sobre o conceito. O processo de fusão das diferentes doutrinas está intrinsecamente ligado às relações de comunicação entre grupos sociais heterogêneos, ou seja, com diferentes culturas, costumes e tradições. Quando ocorre o contato e se desenvolve um convívio entre estes grupos distintos, surgem "adaptações" nos vários aspectos culturais e religiosos, fazendo com que um grupo "absorva" o sistema de crenças do outro.

O termo “hibridação” é utilizado na análise das misturas que se desenvolvem dentro de uma mesma civilização ou de um mesmo conjunto histórico e ao analisar o momento da conquista, o autor relembra que a chegada dos europeus gerou altas turbulências e foi sinônimo

de desordem e caos, e que sem esta noção em mente não podemos compreender a evolução da colonização e as misturas provocadas pela conquista. Surgiram o que o autor chama de “zonas estranhas” onde a improvisação venceu a norma e o costume, ou seja, os vínculos que ligaram os espanhóis e as populações ameríndias foram profundamente marcados por indeterminações, precariedades e improvisações. Havia uma deficiência constante nas trocas que se estabeleciam, visto que se relacionavam fragmentos e estilhaços da Europa, da América e da África (GRUZINSKI, 2001, p. 62-73).

Além do impacto da conquista, (GRUZINSKI, 2001) cita outro processo que considera importante na formação das mestiçagens na América Espanhola: a ocidentalização. Ela operou a transferência para o nosso lado do Atlântico dos imaginários e das instituições do Velho Mundo. Um dos elos essenciais dessa ocidentalização foi à cristianização. Ao considerar o processo de ocidentalização, o autor passa a abordar a cópia indígena, fruto da demanda de uma clientela espanhola ou indígena, ávida por objetos de estilo europeu, a reprodução indígena, ou melhor, a noção de cópia acabou por se revelar extremamente elástica, demonstra ainda que a concepção europeia de reprodução deixava um campo considerável à interpretação e à invenção. Neste ponto, o autor começa a analisar as mestiçagens da imagem e atenta para a complexidade do hibridismo na medida em que realça os limites que uma mistura pode alcançar, uma vez que pode se transformar em uma nova realidade ou adquirir uma autonomia imprevista.

Segundo (FERRETI, 2006) o termo sincretismo possui duplo sentido, pois, é usado como significado objetivo, neutro e descritivo de mistura de religiões, e com significado subjetivo que inclui a avaliação de tal mistura e por conta disso muitos propõem a abolição do termo. Ferreti diz ainda que o sincretismo está presente tanto na Umbanda e em outras tradições religiosas africanas, quanto no Catolicismo primitivo ou atual, popular ou erudito, como em qualquer religião. O sincretismo pode ser visto como característica do fenômeno religioso. Isto não implica em desmerecer nenhuma religião, mas em constatar que, como os demais elementos de uma cultura, a religião constitui uma síntese integradora englobando conteúdos de diversas origens. Tal fato não diminui, mas engrandece o domínio da religião, como ponto de encontro e de convergência entre tradições distintas.

Sobre os rituais do candomblé, (RODRIGUES, 1945) ressalta que em épocas epidêmicas, os iniciados da religião do candomblé cobriam as ruas de Salvador com milho torrado e/ou pilado com azeite de dendê que eram lançados em todos os pontos em que as ruas se cruzavam com os devidos pedidos de proteção a Obaluaê e Omolú, para que providenciassem restaurar a

saúde da população. As constantes epidemias que atormentaram a população baiana contribuíram para o desenvolvimento do culto a estes dois orixás, que na hierarquia dos Candomblés recebem dos fiéis um temeroso respeito, pois eles possuem o poder de curar ou de fazer adoecer. O processo religioso pelo qual passaram as religiões africanas foi bastante complexo: começou nos navios negreiros, com a mistura de negros de várias partes da África. Ao chegar ao Brasil, eram obrigados a adotar as crenças religiosas dos colonizadores brancos, mesmo que superficialmente.

Ou seja, na tentativa de não se desvincularem de suas práticas religiosas os negros acabavam por fingir aceitar a imposição de cultuar os santos e a religião católica, porém no íntimo da cultura religiosa e dos costumes, esses povos estavam a professar determinada religião e entidades, aquelas que traziam consigo e que pertenciam a suas raízes. Dessa forma, é importante ressaltar que diferente do que a historiografia brasileira nos apresentou durante muito tempo, os negros não se resumiam a seres passivos que aceitavam todas as imposições, incapazes de lutar, totalmente submissos e somente vítimas de um sistema, mas sim, sujeitos atuantes na luta pela liberdade tanto física como cultural e religiosa, e que por vezes conseguiram desestabilizar a sociedade branca, escravocrata e patriarcal, assim como conseguiram resistir e por vezes provocaram conflitos.

O sincretismo se trata de uma forte expressão da religiosidade brasileira que caracteriza a ideia de fusão dos elementos da religião católica com os elementos das religiões de matriz africana naquilo que constitui o chamado sincretismo religioso brasileiro através da contribuição da memória histórica e das práticas culturais do povo afrodescendente, e este aspecto não poderia deixar de ser abordado ao tratar dos festejos em louvor a São Roque na cidade de Riachão do Jacuípe.

No contexto religioso de Riachão existem elementos claros do que alguns religiosos que professam a umbanda chamam de híbridos, quando, por exemplo, Gilson que é uma figura bastante conhecida na cidade, homossexual e praticante da umbanda relata que todo ano sai na lavagem de São Roque caracterizado de Obaluaê. Ao ser questionado por que da caracterização ele responde que Obaluaê e São Roque têm para ele o mesmo significado religioso e que por este motivo, sendo praticante da umbanda ele se sente à vontade para cultuar Obaluaê, porque é por este orixá que ele tem devoção e manifesta sua fé, ainda que seja na festa em louvor a São Roque. Porém, existem alguns devotos que também participam da lavagem e que são católicas e ao serem questionadas sobre o que acham da participação de Gilson caracterizado de Obaluaê se mostram incomodadas, como é o caso da senhora Neide quando diz,

Eu acho que não é correto porque se trata de uma festa de católicos. Umbanda e catolicismo são religiões diferentes, então acho que ele poderia sim participar, mas não caracterizado de orixá. São Roque é São Roque, o orixá dele é outra divindade (NEIDE ALMEIDA, 14 Jun. 2017).

O conflito religioso mesmo que de forma sucinta, talvez por se tratar de um contexto de cidade de interior, fica evidente na fala de Dona Neide. Pois, ela apresenta um discurso de intolerância que se manifesta por conta de sua insatisfação com a participação do senhor Gilson em um festejo religioso católico, onde ele louva Obaluaê. E nos festejos proferidos a São Roque, muitas personalidades que são pertencentes à religião da umbanda, assim como Gilson, participam, ainda que haja a insatisfação de alguns fiéis católicos.

Podemos acrescentar nesta discussão, que, apesar de estarmos nos referindo a culturas e religiões distintas que apresentam inúmeras singularidades, é possível perceber as influências que o catolicismo europeu, dominador, inevitavelmente acabou por sofrer, assim como, as influências sofridas pelas religiões afrodescendentes. Ou seja, apesar da perseguição e imposição por parte da Igreja católica e da resistência dos negros, houve, de forma inconsciente, talvez, uma troca de elementos religiosos.

Trata-se de uma forte expressão da religiosidade brasileira que caracteriza a fusão de elementos religiosos e culturais de povos distintos e constitui o hibridismo através da contribuição da memória histórica desses povos e que não deixou de estar presente na religiosidade do povo jacuipense, e aparece claramente nas falas do Senhor Antônio quando relata,

Minha filha, aqui em Riachão o povo é muito ignorante. Ali em Salvador eu vejo. Tem a festa de São Lázaro, o pessoal toma banho de pipoca nas escadarias da igreja os padres caminham juntos com as mães de santo e ninguém ignora, porque o povo entende o “sincretismo”! Aqui, faz isso pra ver se o povo não crucifica, não crucifica a mim, porque eu faço mesmo (ANTÔNIO EDILSON, 28 Out. 2014).

E ao se referir a São Roque, relata: “Eu tenho um laço muito forte com São Roque, principalmente porque no candomblé ele está “sincretizado” com Obaluaê”!

Na fala do entrevistado, fica claro que existe uma relação de troca no contexto religioso da cidade, porém tal relação não se dá de forma tão tranquila como aparece na fala do mesmo, pois, naturalmente existem relações conflituosas entre as religiões, visto que em Riachão existem adeptos do protestantismo, do espiritismo, da umbanda, entre outras. Referindo-se aos modos culturais que se separam de seus contextos de origem e se recombina com outros modos de outra origem, configurando neste processo, novas práticas.

Existe uma prática cultural religiosa que é realizada por mulheres católicas de Riachão do Jacuípe que nos permite perceber a fusão de elementos do catolicismo e do candomblé. As devotas assíduas de variados santos católicos oferecem caruru para pagar promessas feitas em troca de graças alcançadas. A senhora Margarida é um exemplo, pois, oferece há 40 anos o caruru a Cosme e Damião, e diz que a prática é para pagar uma promessa que ela fez aos santos, no intuito de conseguir alcançar uma graça, o que segundo ela, foi o acontecimento mais importante em sua vida até os dias de hoje, porém, a entrevistada não relatou o acontecimento. O caruru oferecido desde 1977, ao dia 18 de Setembro de cada ano por Dona Margarida é organizado com bastante antecedência. As amigas e moradoras da comunidade se disponibilizam para ajudar a preparar a “reza” como é chamada pelos católicos.

A devota de Cosme e Damião compra todos os ingredientes para o preparo da comida, os refrigerantes, e as balas. Várias mulheres, moradoras ou não do bairro, amigas, juntamente com as filhas da devota, arrumam a casa, enfeitam o altar dos santos e preparam a comida que é composta pelo caruru, vatapá, arroz, salada, polenta, e frango da terra, depois de tudo pronto, montam os pratos. À noite, um rezador inicia os cânticos e rezas na casa de Dona Margarida, a casa por sua vez se encontra repleta de pessoas que vão rezar pra Cosme e Damião e na sequência degustar o caruru, inicialmente quem degusta a comida são as sete crianças. No chão, sentadas em uma esteira de palha com sete velas no centro são colocados os pratos de cada criança juntamente com um copo de refrigerante, e ao som de cânticos e da batida de tambores as crianças degustam.

Depois de comer, as crianças levantam da esteira segurando cada uma seu prato e seu copo e são colocadas em fileira para lavar as mãos, enxugar e receber as balas, após isso é a vez dos adultos degustarem, se organizam em uma fila e vão recebendo seus pratos. É importante ressaltar que durante essa prática várias manifestações provenientes da religião de candomblé também acontecem. Mulheres e homens se manifestam com danças e outras práticas, mulheres e homens que são pertencentes à religião de candomblé, mas, vão privilegiar a “reza” que é oferecida a Cosme e Damião. Temos aí a fusão de elementos de duas religiões.

Importante ressaltar que a hibridização e o sincretismo ambos não são meros fenômenos de superfície que consiste na mesclagem, por mútua exposição, de modos culturais distintos ou antagônicos. Produz-se de fato, primordialmente, em sua expressão radical, graças à mediação de elementos que apontam ao mesmo tempo para o racional, o lógico, o latente e, por transdução, constituem os novos sentidos num processo dinâmico e continuado (COELHO, 1997). Dessa forma, tais conceitos envolvem complexidades, não se tratando simplesmente de

uma mescla, troca ou relação de entidades. Na citação abaixo o memorialista Amarílo Soares trata dessa relação entre São Roque e Obaluaê.

A festa profana comemorada a São Roque que no candomblé está relacionado ao orixá Obaluaê, tem início com um grupo de pessoas com roupas típicas acompanhadas por músicos tocando pelas ruas da cidade e arrastando multidões durante todo o cortejo encerrando em frente à igreja matriz numa forma de agradecimento ao santo protetor que acreditam ter livrado da peste bubônica (SOARES, 2014, p.89).

No período da colonização brasileira a mescla de elementos do catolicismo com outras religiões era estratégia de sobrevivência para que o negro africano pudesse cultivar suas crenças religiosas e para que pudesse preservar a espiritualidade através das suas divindades, sem que fossem perseguidos. Assim, o discurso do colonizado é altamente irônico, pois a apropriação do discurso do colonizador dentro do próprio discurso é feita propositalmente. A finalidade é a de confundir o colonizador, é a de resistir a ele, e a fala da resistência do nativo praticada através do questionamento da autoridade colonial. O nativo encontra a sua voz por meio da mímica, da fusão religiosa e da cortesia dissimulada.

Ao conversar com a senhora Dinha que é Yalorixá, ela me confirmou que é praticante do candomblé, e devota de Senhora Sant'Ana que é uma santa católica. Ao questiona-la sobre sua prática religiosa que inclui a devoção aos orixás e a santa Senhora Sant'Ana, ela diz,

Eu herdei a devoção a Senhora Sant'Ana de minha mãe, menina, a devoção a Nanã eu passei a ter quando iniciei na umbanda, há vinte anos atrás, não só nela, tenho devoção por todos os orixás, mas ela por ser "sincretizada" a Senhora Sant'Ana que era a santa de minha mãe, é muito especial! Minha Nanã (DINHA SOUZA, 15 Jun. 2017).

Dona Dinha quando questionada sobre a padroeira e o co-padroeiro da cidade, coloca que para ela a padroeira da cidade é "Iemanjá, a rainha das águas" e o co-padroeiro é "Obaluaê" e assim como vários devotos ela profere sua fé a quem ela acredita de acordo com a religião a que pertence e isso permanece em meio aos conflitos religiosos. É interessante pensar na dualidade da fé da entrevistada que mesmo pertencendo a religião da umbanda idolatra Senhora Sant'Ana que é reverenciada pelos católicos. Aparece à fusão de elementos da religião católica e da religião de candomblé, ambas praticadas por Dona Dinha.

1.2 - Entre o Sagrado e o Profano

É importante identificar de que maneira ocorre e se estabelece a dualidade do sagrado e do profano e ainda como tais conceitos são tratados. Uma análise importante para que não

pensemos que a referência entre os mesmos se perdeu ou que restaram apenas sinais de conceitos moralistas que deturpam o verdadeiro significado e a importância dos mesmos ao ser humano.

O sentido do sagrado faz parte do âmbito da religião, o que também significa uma crença na existência de forças ou entidades sobre-humanas (deuses) que são evocados e colocados como responsáveis pela criação, ordenação e sustentação do universo, e que são tidos como sagrados. Essas características são atribuídas ao que temos como sagrado, desse modo, fazendo a conotação entre religião e sagrado como algo que refaz a separação ao contato regularizado por práticas e rituais a fim de evocar uma divindade. Deuses, pessoas, espaços, tempos estão diretamente ligados ao âmbito do sagrado. Assim, a religião, que circunscreve a área do sagrado, leva, por meio de ritos, a uma organização da racionalidade do ser humano, tornando atos conscientes a fim de introduzir, pela percepção a diferença que há entre sagrado e o profano. O sagrado acaba por se constituir algo relativo, pois, o que pode ser considerado sagrado para um povo pode ser considerado profano para outro povo, assim, em culturas e espaços diferentes. E se fosse julgar teria de considerar toda a descrição do fenômeno em torno das experiências históricas vividas por cada comunidade. O termo profano surge em oposição ao que é sagrado e remete à esfera do mal, às impurezas que levam a um contágio, a um estágio de terror.

Segundo (ELIADE, 2008) o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo de sua história. Mircea Eliade, que teve seu foco de pesquisa em torno da história das religiões colocou que o sagrado sempre adquire grande destaque e que resumidamente, é oposição ao profano, manifestando-se como uma realidade diferente do natural.

É importante perceber que a religiosidade ou o culto religioso em seu aspecto dinâmico e recreativo, faz parte da construção de valores e costumes de um povo que ocorre por meio da sociabilidade, convivência e interação do mesmo. Trata-se de uma interação diversificada e que é reinventada a partir do incremento dos mais variados elementos culturais, assim como, a cultura popular que é pensada de forma plural e ampla abrangendo diversas práticas como afirma Burke,

O termo cultura tendia a referir-se a arte, literatura e música (...) hoje, contudo seguindo o exemplo dos antropólogos, os historiadores e outros usam o termo “cultura” muito mais amplamente, para referir-se a quase tudo que pode ser apreendido em uma dada sociedade, como comer, beber, andar, falar, silenciar e assim por diante (BURKE, 1989, p.25).

Assim, a ideia de festa e de cerimônia religiosa encontra-se imbricadas, e ainda se constituem como elemento cultural, pois, a cerimônia religiosa assim como a festa tem o papel de aproximar as pessoas e de provocar um estado de efervescência. Desta forma, os aspectos relacionados à ideia de cerimônia religiosa despertam a ideia de festa e naturalmente apresentam uma ligação.

Nos festejos religiosos em louvor aos santos que acontecem em Riachão do Jacuípe é possível perceber claramente a relação viva entre o sagrado e o profano. Tanto os devotos quanto as pessoas da comunidade que organizam os festejos (comissão organizadora) apoiam as práticas profanas, existem alguns devotos que condenam, por achar que as práticas profanas são impuras e se distanciam do propósito sagrado, porém a grande maioria dos fiéis aproveita o momento de glorificar e agradecer aos santos para se divertir. É importante dizer que as atividades profanas rendem lucro, e que o dinheiro arrecadado por meio da comercialização de produtos que são doados pela comunidade vai para os cofres da Paróquia, diante disso os padres não questionam as práticas profanas.

É possível perceber a fé, a força da devoção e a importância desses festejos para a população na fala de D. Maria da Conceição quando ela relata o seguinte,

Eu olhava pela fechadura da porta, quando minha mãe vacilava eu saía escondido, dava duas rabiadas na rua e voltava correndo com medo de apanhar, então, tem muitas coisas que eu lembro tem algumas que já fugiram da memória, mas era muito bonita mesmo essa festa, era bonita toda (MARIA DA CONCEIÇÃO, 15 Mar. 2016)

Na citação acima a entrevistada relata a importância que apresentava para ela, desde a infância participar da lavagem que é realizada para louvar São Roque, coloca também que mesmo sendo impedida pela mãe de participar do festejo por conta da perpetuação do preconceito em relação às classes que participavam desta lavagem, ela sempre tentava participar. Deixando evidente que o fato de ser ainda criança não a impedia de querer louvar o santo protetor das pestes, e que não compreendia o porquê de sua mãe não permitir sua participação na lavagem.

Podemos perceber que existem espaços sagrados e não sagrados e que estes espaços sagrados são fortes e significativos. Assim, nota-se que na esfera religiosa é necessário sacralizar um espaço para que o mesmo seja habitado, e entendemos a importância desse espaço sacralizado, sobretudo para o homem religioso. Apesar de apresentar uma importância social os festejos populares desagradavam muitas autoridades principalmente as religiosas, pois existia por parte destas uma preocupação em relação ao não cumprimento das determinações

oficiais católicas, além disso, estes festejos costumavam confundir práticas profanas e sagradas, o que para as autoridades, não era correto (CUNHA, 2005, p.25).

A ideia negativa que é atribuída às práticas profanas aparece claramente na obra do memorialista Amarílio Soares, pois, quando ele se refere às comemorações religiosas em louvor a padroeira da cidade Nossa Senhora da Conceição, ele acaba dando maior ênfase, pois esta tem uma atenção especial por parte da igreja ao contrário do que ocorre quando ele se refere às comemorações religiosas populares em louvor ao co-padroeiro da cidade, São Roque, que são abordadas muito rapidamente na obra e tem uma estrutura mais voltada para o popular. Dessa forma, é possível constar essa negatividade atribuída aos festejos populares que fica mais evidente quando observamos os registros fotográficos, onde percebemos que é como se as práticas sagradas obtivessem mais importância do que as manifestações religiosas populares profanas, uma ideia do profano como algo sujo, impuro. As fotografias retiradas da obra apontam esse aspecto perfeitamente, quando em uma das fotografias a população se encontra a frente da igreja após a lavagem em louvor a São Roque percorrer a cidade e a igreja por sua vez está com as portas fechadas e na outra fotografia a sociedade tradicional adentra a igreja em uma missa solene proferida a São Roque.

Ao analisar as imagens é possível perceber que na primeira fotografia existe um grupo de mulheres caracterizadas de baiana segurando bandeiras na lavagem de São Roque que se trata de um festejo popular, que inicialmente era realizado pela população, de um bairro carente de Riachão e hoje tem a participação de toda população da cidade, festejo que acontece para glorificar o Santo que é co-padroeiro do município, ao dia 16 de Agosto de cada ano, festejo que percorre a cidade sendo finalizado na praça da matriz em frente à Igreja. Na segunda imagem temos a presença de pessoas dentro e fora da Igreja em uma missa solene dedicada também a São Roque. A reflexão de ambas as imagens é importante, sobretudo porque deixa claro uma segregação entre sagrado e profano, ou seja, porque a Igreja acaba determinando o que para ela é realmente importante, neste caso, o sagrado oficial e não o popular profano.

Figura 2. População em manifestação profana



Fonte: Livro do memorialista Amarílio Soares (Registro do ano de 2011)

Figura 3. População em manifestação sagrada



Fonte: Livro do memorialista Amarílio Soares (Registro do ano de 2011)

1.3 - A Fé Católica: Diálogo Comum Entre os Sujeitos

O Brasil já tem sido descrito como “a maior nação católica dos nossos tempos” pelo fato dos seus 52 milhões de habitantes constituírem atualmente o mais numeroso grupo nacional

católico. Realmente, a maioria do povo brasileiro professa a religião católica. No censo demográfico nacional de 1940, mais de 95 por cento dos 41.236.315 habitantes do país declararam-se católicos; os protestantes atingiram 2,6 por cento e a fração restante distribuiu-se entre judeus, budistas, muçulmanos, espíritas, incrédulos (87.000) e sem religião declarada (101.000). De um modo geral, os brasileiros consideram-se “religiosos” e verdadeiros católicos, ainda quando interpretem a seu modo a religião; muitos deles sentir-se-iam ofendidos se lhes fosse negada a categoria de católicos ou se os confundissem com “materialistas”, “descrentes” ou “anti-religiosos” (AZEVEDO, 2002, p.37).

O catolicismo no Brasil apresenta certo dinamismo em relação a sua atuação, crescimento e sua estrutura eclesiástica, assim, se faz necessário perceber as características e as tendências do catolicismo brasileiro. Tomando como base o período que vem da instauração do regime republicano em 1889 até então, o catolicismo era a religião oficial do regime monárquico e a Igreja, praticamente, estava subordinada ao Estado que por sua vez atuava em um sistema político baseado no regalismo da legislação civil. O Estado intervinha em toda a estrutura da igreja desde a nomeação dos bispos até a tomada de medidas contra a própria Igreja.

A separação entre a Igreja e o Estado acontece em 1891. Em 1947, já havia 17 arquidioceses, 65 bispados, 25 prelazias e duas prefeituras apostólicas, somente vinte anos após o estabelecimento da República foi concedida a Santa Sé o primeiro título de Cardeal a um prelado brasileiro, muito havendo contribuído para isto os esforços do famoso Ministro do Exterior, o Barão do Rio Branco.

Observando a dinâmica do catolicismo brasileiro, a vida religiosa dos católicos brasileiros reduz-se ao culto dos santos, padroeiras das cidades ou freguesias, ou protetores das suas lavouras, de suas profissões ou de suas pessoas, um culto em grande parte doméstico e que não se conforma muito estritamente com o calendário oficial da Igreja nem com as prescrições litúrgicas; esse culto traduz-se muito em novenas e orações recitadas e cantadas, em procissões e em romarias aos santuários em que se veneram as imagens mais populares ou têm sede algumas devoções favoritas do povo, manifestam-se também por meio de promessas propiciatórias, com oferendas materiais ou “Sacrifícios” aos santos para que atendam às suplicas dos seus devotos. Este culto, em certos aspectos é perfeitamente ortodoxo, mas sem dúvida exagerado em sua importância com detrimento da vida espiritual propriamente dita, tem curiosidades muito significativas, uma delas é que, não raro, associa-se as práticas a uma natureza milagrosa, onde, ao se obter uma graça alcançada se agradece ao santo das mais variadas formas, assim como, os santos sofrerem castigos quando tardam ou deixam de atender aos rogos dos seus devotos, o que assimila esse culto a uma idolatria.

Isso fica claro na fala da senhora Maria dos Santos quando nos diz:

Eu cansei de “castigar” Santo Antônio, quando eu e meu marido brigávamos e demorávamos de fazer as pazes. Quando queria me reconciliar com meu marido corria pra Santo Antônio. (Risos) Ele sempre me atendia, e quando não atendia eu colocava ele de cabeça para baixo (MARIA DOS SANTOS, 17 Jun. 2017).

Foi possível perceber como a fé nos santos da igreja é característica forte da devoção católica do povo daquela comunidade que deixou claro a idolatria e devoção pelos santos, sem distinção de cor, ou classe social, os sujeitos falam a mesma linguagem, a da fé católica. Seja ao participar dos festejos católicos, ao acender suas velas no santuário de casa, ao rezar a oração direcionada para o santo devoto, ao distribuir doces ou caruru para pagar a promessa pela graça alcançada, como coloca a depoente na fala abaixo:

Eu pedi a minha santa Bárbara que me ajudasse a melhorar de vida, se ela realizar meu pedido e me conceder esse presente, eu faço um caruru e distribuo para os meninos, estou velha, cansada de trabalhar e quero descansar, se ela me ajudar eu pago a promessa. Todo dia ascendo minha velinha para ela. É a santa pela qual sou devota desde que me entendo por gente (MARIA DOS SANTOS, 17 Jun. 2017).

É possível identificar a singularidade que marca a experiência da fé católica de cada sujeito e em contrapartida o efeito que esses festejos causam no sentido de aproximar todos esses sujeitos ainda que tenham suas particularidades em relação à devoção, ou seja, a festa apresenta característica de cerimônia religiosa e aproxima esses indivíduos assim como, os conceitos de sagrado e profano que acabam dialogando, como coloca Durkheim,

A própria ideia de cerimônia religiosa de alguma importância, desperta naturalmente a ideia de festa. Inversamente, toda festa... Apresenta determinadas características de cerimônia religiosa, pois em todos os casos, tem como efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes até o delírio que não deixa de ter parentesco com o estado religioso (DURKHEIM, 1989, p.456).

E assim, a partir da visão de (CASCUDO, 1971) o ideal de religião popular é colocado como algo que ao longo do tempo se consolidou pela tradição na esfera do imaginário religioso que retira do culto ortodoxo os elementos adaptáveis a devoção tradicional sob a superintendência da fé, onde a razão básica é o “tudo sempre foi assim” onde o povo tudo ouvindo e acreditando nunca muda o que julga ser sagrado por ter sido ciência dos antigos. E essa fé é capturada através da colheita de memórias por via da oralidade, o que Michel de Certeau chamou de práticas comuns presentes nas experiências particulares. Coloca também que a tradição católica fundamentou uma mentalidade característica do povo e que para se

fundamentar tal mentalidade vários elementos ao longo dos séculos foram essenciais. E seriam esses elementos que constituiriam um mosaico que iria manter a unificação do catolicismo popular.

Outro aspecto importante a se destacar na presente pesquisa é que fica perceptível nas falas de algumas entrevistadas que a fé religiosa é transmitida de uma geração a outra, juntamente com demais tradições, simplesmente pelo fato de se pretender conservar as práticas ou pelo costume perpetuado, muitas vezes até sem conhecer a fundo doutrina da Igreja, porém se tratam de práticas de uma força de devoção muito forte.

1.4 - Cultura Religiosa e Festas Populares do Povo Jacuipense

O cenário religioso de Riachão do Jacuípe além de amplo é bastante diversificado, composto por praticantes das mais variadas religiões. Temos praticantes do catolicismo, do protestantismo, do espiritismo, candomblé e da umbanda sendo que em maior grau estão os praticantes do catolicismo que manifestam sua fé e devoção, idolatram e louvam aos santos católicos por meio de festejos e de práticas realizadas, também, individualmente. Uma rica cultura religiosa que perpassa as capelas e cruzeiros dos povoados, as casas e altares dos fiéis, as capelas dos bairros, as ruas da cidade nas procissões, lavagens e via sacras que terminam sempre na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição.

Em Riachão é realizada pela Paróquia a festa em louvor a Nossa Senhora da Conceição que acontece desde 1955, quando a estátua da santa chegou à cidade, porém, a festa foi ressignificada com passar dos anos. De início aconteciam somente as missas na Igreja, e os leilões na praça para arrecadar fundos para a Paróquia, com o passar dos anos foram sendo acrescentados novos elementos à prática religiosa, mais especificamente a partir de 1980. (ADILINA CARNEIRO, 22 Mai. 2017)

A estrutura da festa é pensada por uma comissão organizadora que é renovada a cada ano, comissão composta por homens e mulheres devotos assíduos do catolicismo. A escolha dos membros da comissão é feita por membros da comissão anterior que designam pessoas quando se encerra o festejo em cada ano. Essas comissões reunidas organizam a programação do festejo que se inicia em 29 de Novembro e se encerra em 08 de Dezembro (MARIA DOS SANTOS, 17 Jun. 2017).

Nas noites do festejo acontece à missa, após a missa acontece na Praça da Matriz à apresentação de bandas, os bingos, onde os membros da comissão vendem as cartelas. Os

bingos são realizados com produtos doados por agricultores, comerciantes e devotos, acontecem também os leilões e a comercialização de comidas como caruru, mingaus, lanches, em barracas onde devotas da legião de Maria, jovens da pastoral da juventude se disponibilizam por administrar. A legião de Maria é um grupo formado por mulheres que são devotas de Maria e assim realizam orações e cultos semanais nas capelas das comunidades. E o grupo dos jovens da pastoral da juventude, realizam atividades, orações, reflexões, discussão de assuntos sobre religiosidade, também nas capelas das comunidades.

É importante registrar diante desse contexto de elementos sagrados e profanos como acontecem as relações entre os devotos. Existem nos festejos, os devotos que realizam suas práticas de devoção pautadas no viés tradicional, perpetuando práticas de mães, pais, avós, e dessa forma não se interessam em participar das práticas profanas, exemplo, o bingo, que é um jogo de azar e é prática frequente, como Dona Arlinda que diz preferir doar algum produto ou uma quantia em dinheiro para ajudar a Paróquia do que participar do bingo, ela diz “Eu só vou para a celebração da missa, acho que não precisa tanta comercialização ou a apresentação de bandas em uma festa católica, o que importa mesmo é demonstrar nossa fé... os jovens vão com roupas indecentes, olha, mudou muita coisa!” (ARLINDA DE LIMA, 15 Jun. 2017).

Analisando o discurso de Dona Arlinda, percebe-se a insatisfação da mesma em relação aos elementos profanos que fazem parte do festejo, onde ela deixa claro que vai a festa por conta dos elementos sagrados, e pontua ainda, que aconteceram muitas modificações, pois, o que antes era composto de elementos sagrados ganhou inúmeros e desnecessários elementos profanos que muitas vezes chama mais a atenção das pessoas, pois, elas acabam esquecendo o real sentido do festejo que é orar, agradecer e louvar os santos. O discurso de Dona Arlinda é raro no contexto de Riachão, pois, a população em sua maioria, compreende e aprecia esses elementos profanos que foram inseridos com o passar dos anos na festa, elementos esses que são inclusive pensados pela comissão organizadora e tem o aval do pároco para serem realizados.

Sobre as práticas profanas, Dona Maria dos Santos diz: “Eu vou por Nossa Senhora, mas o bom do festejo é a zoadá”.

A cultura religiosa de Riachão é rica, e a população tem práticas de devoção que são proferidos aos variados santos católicos. São Roque, co- padroeiro da cidade, protetor contra a peste, com um grande número de devotos no município é louvado em todo 16 de Agosto de cada ano, isso desde 1930 quando a imagem do Santo chegou aqui e este se tornou o santo milagreiro em uma epidemia de peste bubônica que assolou Riachão. O objetivo ao tratar da

devoção do povo jacuipense ao santo é, além de observar as práticas, analisar as mudanças que ocorreram no curso dos anos.

A festa acontecia em dois momentos. O primeiro era o festejo realizado pela Paróquia, onde em uma festa de 6 dias aconteciam nas cinco noites, missas e leilões. O segundo momento era a lavagem de São Roque que partia da Rua do Fogo, uma rua periférica da cidade e contava com a participação da população pobre de toda a cidade. Até 1980 a Igreja realizava o festejo com elementos do sagrado e profano, após o referido ano passou a realizar somente uma missa no dia 16 de Agosto, porém, a lavagem permaneceu acontecendo, por parte da população, com a mesma estrutura (IDALINA HORA, 15 Abr. 2017).

É importante pontuar que a lavagem é composta por pessoas católicas devotas de São Roque, pais, mães e filhos de santo, pessoas pertencentes à religião do candomblé e umbanda, adultos, idosos, crianças, que desfilam pelas principais ruas da cidade e finalizam em frente à Igreja Matriz. As devotas de São Roque saem caracterizadas de baianas e alguns pais e mães de santo ou iniciados no candomblé se caracterizam de orixás. O percurso da lavagem é marcado por danças, cânticos, rezas, banda de fanfarra, porém, de acordo com Dona Idalina que sai caracterizada de baiana,

As lavagens de hoje não são mais como as de antigamente, hoje tem muita molequeira, as pessoas saem e nem sabem o porquê da lavagem, não tem a questão principal que é a fé em São Roque, a gratidão por cuidar de nós e de nossa cidade. Eu com a idade que estou só não saio se estiver doente (IDALINA HORA, 15 Abr. 2017).

A fala de Dona Idalina apresenta que ocorreram mudanças na lavagem, no que diz respeito ao significado dela para as pessoas. As pessoas saem na lavagem sem saber o real sentido dela. O que mostra que diferente do que muitos pensam é uma prática sagrada, visto que Dona Idalina e outras devotas saem na lavagem para de fato glorificar o santo.

A celebração de corpus Cristi é uma devoção popular que tem origem na Idade Média, o costume que invadiu a liturgia católica de celebrar a missa com as costas voltadas para o povo, foi criando certo mistério em torno da Ceia Eucarística. Todos queriam saber o que acontecia no altar, entre o padre e a hóstia. Para evitar interpretações de ordem mágica e sobrenatural da liturgia, a Igreja foi introduzindo o costume de elevar as partículas consagradas para que os fiéis pudessem olhá-la. Este gesto foi testemunhado pela primeira vez em Paris, no ano de 1200 (CANÇÃO NOVA, <https://formacao.cancaonova.com/igreja/doutrina/origem-da-festa-de-corpus-christi/>. Acesso em: 18 Mai, 2017).

A Igreja, ao celebrar este mistério, revive estas três dimensões do sacramento. Por isso envolve com muita solenidade a festa do Corpo de Cristo. O dia de Corpus Christi é um dia de liturgia solene e participada por um número considerável de fiéis, sobretudo nos lugares onde este dia é feriado. As leituras evangélicas deste dia lembram-nos a promessa da Eucaristia como Pão do Céu. Precisamos lembrar que mais do que uma festa litúrgica, a Solenidade de Corpus Christi assume um caráter devocional popular.

Em Riachão toda a comunidade católica se reúne nas principais ruas do centro da cidade, momento ápice da festa é certamente a procissão pelas ruas da cidade, momento em que os fiéis podem pedir as bênçãos de Jesus Eucarístico para suas casas e famílias. O costume de enfeitar as ruas com tapetes de serragem, flores e outros materiais, formando um mosaico multicolor, com imagens referentes ao catolicismo ainda é muito comum na cidade. E tornam-se atração turística neste dia, devido à beleza e expressividade de seus tapetes. Ainda é possível encontrar cristãos que enfeitam suas casas com altares ornamentados para saudar o Santíssimo, que passa por aquela rua. A comemoração é feita 60 dias após a páscoa, na quinta feira seguinte ao domingo da santíssima trindade. A prática para os jacuienses é indispensável e o feriado respeitado por toda a população.

O festejo em louvor a Santa Rita de Cássia, padroeira do bairro Alto do Cemitério acontece entre os dias 19 e 22 de cada ano, foi iniciado antes da capela ser construída no ano de 1982 por Dona Benta, devota assídua da santa que muito antes da construção da capela já realizava as novenas, somente com as rezas e cânticos, e com o passar dos anos a festa foi se ressignificando. (ANTÔNIA ARAÚJO, 22 mai. 2017).

A festa é estruturada por uma comissão organizadora, formada por devotos católicos do bairro que escolhem a nova comissão ao final de cada festa. Realizam um trabalho de arrecadação de fundos durante todo o ano, com a realização de rifas, bingos e arrecadam também, doações feitas pela comunidade. Na noite anterior a primeira noite da festa ocorre uma procissão percorrendo as ruas do bairro para anunciar que o festejo se inicia, os devotos cantam, rezam e soltam foguetes, e a capela é arrumada pra a festa, por mulheres devotas da santa daquela comunidade. Na festa existe a junção de elementos do sagrado e do profano, pois ocorrem bingos, leilões, comercialização de produtos, e todas essas práticas com o consentimento do pároco. Toda a população católica do bairro vai prestigiar a festa, principalmente os devotos da santa. Importante ressaltar que sempre que termina a missa o padre se retira da festa, assim como, alguns devotos que só vão ao festejo pela parte sagrada.

No povoado de Baixa Nova, em Riachão do Jacuípe acontece desde 1987, um ano após a construção da capela, a festa em louvor a Nossa Senhora das Candeias, visto que muito antes

já ocorria na casa das moradoras mais antigas do povoado a novena de orações para a santa. A devoção se iniciou por parte das senhoras Adilina e Raquel que por serem devotas assíduas do catolicismo elegeram a santa como protetora da comunidade e passaram a louva-la. (ADILINA CARNEIRO, 22 Mai. 2017).

A louvação ocorria de início na casa das senhoras e eram nove noites de reza e cânticos para celebrar e louvar Nossa Senhora das Candeias, após a construção da capela e o crescimento populacional da comunidade a festa passou a acontecer na capela. A festa é realizada entre os dias 29 de Janeiro e 2 de Fevereiro de cada ano, organizada por uma comissão que é renovada ao fim de cada festejo e é formada por devotos católicos do povoado.

Diferente dos festejos em louvor a Santa Rita Cássia, Nossa Senhora da Conceição e São Roque, que acontecem na sede de Riachão, a festa em louvor a Nossa Senhora das Candeias que acontece no povoado de Baixa Nova na Zona rural de Riachão contém mais elementos sagrados do que profanos. A estrutura da festa é pensada com foco para as práticas religiosas, a questão do entretenimento, como a apresentação de bandas e a comercialização de produtos é mais restrita. Ocorrem os bingos para arrecadar fundos que são destinados a Paróquia e a comercialização de alimentos. A festa ocorre em cinco noites sendo que em todas elas tem a celebração da missa que acontece no primeiro momento, e após a missa acontece o bingo, com itens doados pela comunidade (RAQUEL MARIA CARNEIRO, 23 Mai. 2017).

Ao questionar as senhoras que iniciaram a louvação a santa, sobre a prática de devoção elas dizem que começou porque elas sempre tiveram devoção à santa, e que desde pequenas presenciaram sua avó sendo devota da santa e conseqüentemente sua mãe, disseram ainda, que todo povoado, precisa ter um santo ou santa padroeiro (a) para proteger a comunidade.

Na festa em louvor a Nossa Senhora das Candeias, a comissão organizadora não permite a venda de bebida alcoólica, e aconselha que a população jovem use roupas compostas nas noites de festa. Assim, percebe-se uma preocupação por parte dos moradores da comunidade em manter a festa como um ato sagrado, respeitando a tradição, e principalmente, respeitando as senhoras Adilina e Raquel que são as precursoras da prática de devoção.

CAPÍTULO II – O “GLORIOSO” ENTRE AS “SENHORAS”: ROQUE, CONCEIÇÃO E RITA, OS SANTOS DO JACUÍPE

No presente capítulo busco perceber os festejos em louvor aos santos e padroeiros católicos, Nossa Senhora da Conceição, São Roque e Santa Rita de Cássia em Riachão do

Jacuípe. Para compreender melhor, faço uma análise a respeito da formação católica do Brasil que teve seu início durante o Período Colonial e pôde ser considerada como uma extensão dos ideais da Igreja Católica na Europa pré-cristã, e entender as práticas de devoção católica na comunidade de Riachão do Jacuípe. Diante do contexto do catolicismo dos jacuipenses que é baseado na adoração aos santos é importante falar sobre o processo de canonização destes santos por parte da Igreja Católica que se trata é a sentença definitiva pela qual o Papa insere no Cânon ou Catálogo dos Santos alguém já proclamando bem-aventurado. Por meio dela, o Sumo Pontífice declara estar algum servo de Deus na glória celeste e, assim, autoriza que lhe seja prestada veneração pública em toda a Igreja.

A canonização é precedida pela beatificação, ato pelo qual o Santo Padre permite que seja prestado culto público a um servo de Deus em certa região ou certa família religiosa (excepcionalmente na Igreja). Partindo da ideia de que as fundações dos colégios pelos padres jesuítas ou nas nomenclaturas das vilas e cidades estavam sempre vinculadas aos nomes dos santos e santas. Isso porque a religiosidade vivida na Colônia estava profundamente ligada a estes intercessores, sobretudo os taumaturgos, mas também os mártires e pregadores que por sua ação “gloriosa” no mundo haviam recebido a canonização da Igreja em várias épocas. (Disponível em: <https://formacao.cancaonova.com/igreja/catequese/como-acontece-canonizacao-de-um-santo/>).

Ao percebermos a devoção dos fiéis que acabou por popularizar santos católicos notamos também que esta contribuiu bastante para a normatização da igreja e ao mesmo tempo oportunizou a devoção de forma singular em cada localidade do Brasil, apresentando as mais diversas formas de culto que foram ganhando novos significados através da apropriação de elementos e que propiciou o surgimento de uma cultura do interior do Brasil, marcada por costumes locais tais como as chamadas “festas de padroeiro”. E assim, essas festas compõem e recompõem as representações que sujeitos, habitantes do meio rural e urbano de pequenas cidades do interior do país, possuem sobre seus santos de devoção.

No município de Riachão do Jacuípe, cada comunidade glorifica determinado santo. Povoados e bairros que tem suas capelas prontas, dedicam a mesma a um santo e realiza o festejo a cada ano. Festas que são organizadas pela comunidade em conjunto e acabam por apresentar fortes elementos culturais provenientes de toda a sociedade e que ocasiona em transformações nos espaços, no cotidiano e na história, apontando para significados e vivências da cultura local como aponta Del Priore:

Expressão teatral de uma organização social, a festa é também fato político, religioso ou simbólico. Os jogos, as danças e as músicas que a recheiam não só significam descanso, prazeres e alegria durante sua realização, eles tem simultaneamente importante função social: permitem as crenças, aos jovens, aos espectadores e atores da festa introjetar valores e normas da vida coletiva, partilhar sentimentos coletivos e conhecimentos comunitários (DEL PRIORE, 2000, p.10).

Os festejos realizados para glorificar os santos apresentam uma importância social, religiosa, e de grande valor para os fiéis da sociedade. Reúne os sujeitos das diferentes comunidades do município onde todos glorificam todos os santos. Ocorrem missas, rezas, cânticos, homenagens, leilões, apresentações de bandas onde os devotos em coletividade compartilham experiências, conhecimentos, sentimentos e principalmente a mesma fé como fica claro na fala da senhora Raquel,

Oh minha filha, na festa de Nossa senhora das Candeias quem vem não perde mais. (Riso) é reza leilão, tudo feito pra agradecer a ela por guardar nossa comunidade. Vem gente de todo canto, A gente fica feliz, não fica mais porque mamãe não está mais entre nós pra ver a beleza que é (RAQUEL MARIA CARNEIRO, 23 Mai. 2017).

Na citação acima, a senhora Raquel, moradora da comunidade de Baixa Nova coloca a importância de glorificar a santa Nossa senhora das Candeias e evidencia a participação de outras comunidades na festa, ressaltando como essa coletividade para a partilha da fé a alegria, e fala ainda, de sua gratidão à santa por proteger a comunidade de Baixa Nova, dessa forma a fala da senhora Raquel vem evidenciar essa relação entre o santo e o fiel, assim como, o significado que existe em torno de toda essa devoção a santa por parte da comunidade de Baixa Nova. E assim em cada devoto a religião desperta uma fé que é sentida e vivida em suas casas, nos santuários, nas igrejas, nas capelas, nas ruas, sendo assim, em diversos espaços que se tornam sacralizados, uma fé que é embutida de elementos como, a crença, o sentimento de respeito e submissão. É perceptível, que existe uma hierarquização em torno desse contexto de louvação e devoção aos santos nas comunidades, onde os beatos são os responsáveis por estarem à frente da direção e organização da capela, das atividades religiosas que acontecem nela, da organização dos festejos, das missas, legiões e de tudo o que acontece na mesma. E esta hierarquização nos apresenta o espaço de devoção religiosa, também, como um espaço de interação política e social.

Conclui-se assim, que os festejos em cada localidade sem dúvida compõem a cultura brasileira, obviamente que com suas particularidades, sendo as criações, recriações, práticas, saberes, experiências, cânticos, rezas, danças, mas sem dúvida todas as comunidades tem em comum a fé católica.

2.1 - A Devoção das irmãs Adilina e Raquel

O presente tópico será uma análise da trajetória de vida católica das irmãs Adilina e Raquel Carneiro residentes do Município de Riachão do Jacuípe, povoado de Baixa Nova, Adilina nascida no ano de 1933 e Raquel no ano de 1940. O interesse em falar dessas duas mulheres se deu pelo fato delas terem construído uma trajetória de vida baseada na religiosidade o que se caracteriza como cultura e religiosidade popular e que é a problemática de minha pesquisa. As irmãs optaram por dedicar suas vidas ao catolicismo e a Igreja, sendo assim, não constituíram família, ambas moram juntas e são extremamente religiosas, e por conta dessa religiosidade as irmãs iniciaram no ano de 1957 novenas para a Santa padroeira do povoado onde elas moram, sendo esta Nossa Senhora das Candeias. O culto e adoração aos santos católicos iniciou-se na Europa. A igreja sentiu que havia a necessidade de apresentar aos fiéis a trajetória de pessoas que dedicaram suas vidas ao catolicismo e a partir disso foram santificadas, assim, essas pessoas seriam exemplos de vida a serem seguidos, por conta da conduta impecável.

Na casa onde as irmãs vivem que foi a casa onde elas cresceram, existe um quarto que tem um santuário montado por elas que é composto por inúmeros santos, onde as pessoas da comunidade frequentam para realizar orações, fazer pedidos, agradecer, principalmente em períodos santos como na quaresma. Isso constitui a presença do sagrado em espaços que se tornam sacralizados, neste caso, o lar. Constitui ainda uma relação íntima entre o sujeito e o sagrado. Assim, observamos que o ato de montar um santuário composto com as imagens dos santos católicos em casa, pode revelar que o fiel os venera em uma medida tão grande que os quer próximos dia e noite.

Figura 4. Irmãs Adilina e Raquel Araújo



Arquivo pessoal Iarraiana Santos, 2017.

As senhoras Adilina e Raquel construíram uma história de vida, de acordo com as mesmas, baseada na história de Maria que segundo bíblia era virgem e foi mãe por intervenção divina, elas optaram por não ter marido nem filhos, e por viverem para a igreja e para prestar solidariedade aos que necessitam, assim, elas escolheram Santa Maria para servir de exemplo para suas vidas. Revela à senhora Raquel,

Aqui em casa desde novinhas que mamãe nos colocou para participar de tudo que tinha na igreja, principalmente no mês Mariano, rezávamos no santuário de casa e íamos para a peregrinação, andávamos muitas léguas até chegar ao cruzeiro, fazíamos jejum, tudo por nossa “mãe celestial” ela merece, é a mãe de Jesus (RAQUEL MARIA CARNEIRO, 23 Mai. 2017).

Analisando o discurso da senhora Raquel, percebemos que existe uma autonomia no que diz respeito às suas práticas religiosas, pois ela tem em casa um santuário, onde executa suas atividades religiosas e sai em peregrinação até o cruzeiro da comunidade para rezar. Observamos que o catolicismo popular apesar de ter constituído uma autonomia e de ter estabelecido um viés anticlerical ele não contesta a igreja, não se opõem aos atributos do clero, mas cria seus próprios atributos, e é organizado e praticado por leigos que buscam, em maior ou menor grau, manter sua autonomia enquanto fiéis, ao mesmo tempo em que se declaram filhos da Igreja.

É interessante discutir sobre a questão dos milagres que na religiosidade popular diz respeito à crença em acontecimentos miraculosos realizados por parte dos santos, que sob a visão dos fiéis seriam impossíveis de ocorrer na dimensão humana. Acontecimentos que foram postos em dúvida ou delimitados, são enfim, aspectos interligados de um mesmo fenômeno histórico, social e cultural que se convencionou denominar de catolicismo popular. E sobre os milagres, a senhora Adilina relata,

Olha, eu estava com um caroço grande no pescoço, uma coisa dura. Fiquei com tanto medo minha filha, porque hoje tudo vira doença braba, né?! Aí eu disse: Valei minha Nossa Senhora das Candeias! Tenha Misericórdia, cheguei um dia ali na janela, olhei para as estrelas e pedi a Nossa Senhora das Candeias que tirasse aquilo de mim, mais minha filha, fiz isso três vezes e o caroço sumiu. Ela não abandona a gente! (ADILINA CARNEIRO, 22 Mai. 2017)

A discussão de poder de cura do santo é relevante principalmente porque se trata da fé do devoto para com o santo. No relato acima a senhora Adilina revela que um milagre ocorreu, quando ela pediu a santa pela qual tem devoção que a curasse do aparecimento de um caroço de seu pescoço, nota-se no discurso da entrevistada uma certeza do milagre que chega a ser inquestionável. Ela diz com tanta veemência que Nossa Senhora das Candeias a “curou” e mostra o local onde os pedidos de cura foram feitos, na janela da sala de jantar e na sequência apresenta a imagem da santa no santuário da casa.

Dona Adilina relatou que já vinha tomando medicamentos indicados por um médico que havia dito em uma consulta que o caroço parecia ser algo maligno e solicitou um exame, porém, após o milagre ocorrido ela não foi pegar o exame, e não sabe se o caroço era maligno. No entanto ela afirma, “Foi um milagre!” É importante ressaltar que tal prática religiosa tem como elemento central e estruturador, a cristandade, refere-se, portanto, à especificidade da fé em Cristo, e configura o caminho a ser seguido pelo cristão. E ao serem questionadas sobre o período da quaresma que para todos os católicos é um período de total devoção e respeito a Jesus Cristo, a senhora Adilina coloca,

Hoje em dia, o povo não respeita mais a quaresma não minha filha, é som alto, é bebedeira. As pessoas esquecem o verdadeiro sentido da semana santa, que é para refletir, jejuar, agradecer aquele que deu a vida por nós. É igual o mês de Maio que é dedicado à mãe celestial e o povo nem na igreja vai, pior, nem um terço em casa não reza. É triste, as pessoas estão esquecendo-se de viver Jesus!! (ADILINA CARNEIRO, 22 Mai. 2017).

No discurso acima, fica evidente a preocupação da entrevistada em relação à manifestação de fé das pessoas ou a ausência dela, aparece o religioso popular, claramente, pois ela cita a prática da oração no santuário de casa, cita o desrespeito das pessoas com a semana santa e nas entrelinhas fala da fé dos fiéis que parece estar acabando, pois segundo ela, não está sendo manifestada na igreja e em nenhum outro espaço.

Esta forma de viver o religioso não impõe uma moral rígida nem códigos fixos. Nela o sagrado ganha familiaridade na intimidade com os santos, confunde-se a ordem religiosa com a ordem familiar. Nela também se contrapõe o viver em comunidade ao viver hierarquizado, por isso seu ponto forte é a efervescência festiva coletiva, dionisiaca e carnavalesca, vivida teatralmente, coletivamente e publicamente, ao invés de solitariamente no silêncio de si mesmo, nos bancos duros de uma igreja fria. As procissões de festas religiosas são, de acordo com Perez, formas de espetáculo por excelência, consagradas pela nossa sociedade, mostrando “uma maneira singular de viver da sociedade, de perceber o mundo e de como se relacionar”.

No Brasil, ao longo de sua história, frequentemente a festa ocupou o espaço público e seu centro: as praças públicas e os largos de igrejas, gerando ali uma simbolização e espetacularização da coisa pública e dos dramas privados (LEONEL, 2009).

2.2 - O Louvor a São Roque

A devoção a São Roque inseriu-se no contexto social e cultural da cidade de Riachão do Jacuípe e sua louvação tornou-se tão significativa para aquele povo que o santo se tornou juntamente a Nossa Senhora da Conceição, símbolo de religiosidade e co-padroeiro de Riachão. O objetivo deste capítulo está em discutir a importância de São Roque para a população do município e observar as práticas religiosas voltadas ao santo que ocorrem por parte dos devotos de Riachão do Jacuípe. O capítulo vem ainda, analisar, dentro do contexto entre as décadas de 50 a 2000 como ocorria a interação entre os sujeitos que protagonizaram aquela devoção, e perceber até que ponto a fé e a pestilência dialogavam.

É importante destacar o interesse cada vez maior, por parte dos estudiosos no que diz respeito a festas populares que tem a contribuição das tradições europeias africanas e ameríndias, e nesse contexto encontramos uma mescla de memórias construídas através de costumes e práticas diferenciadas. Assim, (COUTO, 2010) enriquece a historiografia sobre festas quando faz uma reflexão acerca do estudo da cultura e religião popular por parte dos historiadores apontando para folcloristas e etnólogos a frente dos mesmos no que diz respeito à descoberta da cultura e religião popular. Ou seja, o campo da história não havia desenvolvido estudos a respeito de cultura popular e festas isso só foi possível a partir das mudanças ocorridas na historiografia, sendo assim, quando os historiadores passaram a trabalhar com esse tema, estudiosos de outros campos já vinham trabalhando.

É possível constatar que a partir da década de 1980, a historiografia brasileira passou por significativas mudanças, tanto em relação à utilização de fontes, como, e principalmente no que diz respeito a um novo olhar sobre os objetos de estudo. Os historiadores dos anos 80 foram fortemente influenciados pela terceira geração da escola dos Annales o que possibilitou a partir de novos olhares, inovações, diferentes abordagens e métodos acerca da nova história cultural e das mentalidades (SOUZA, 2012, p.9).

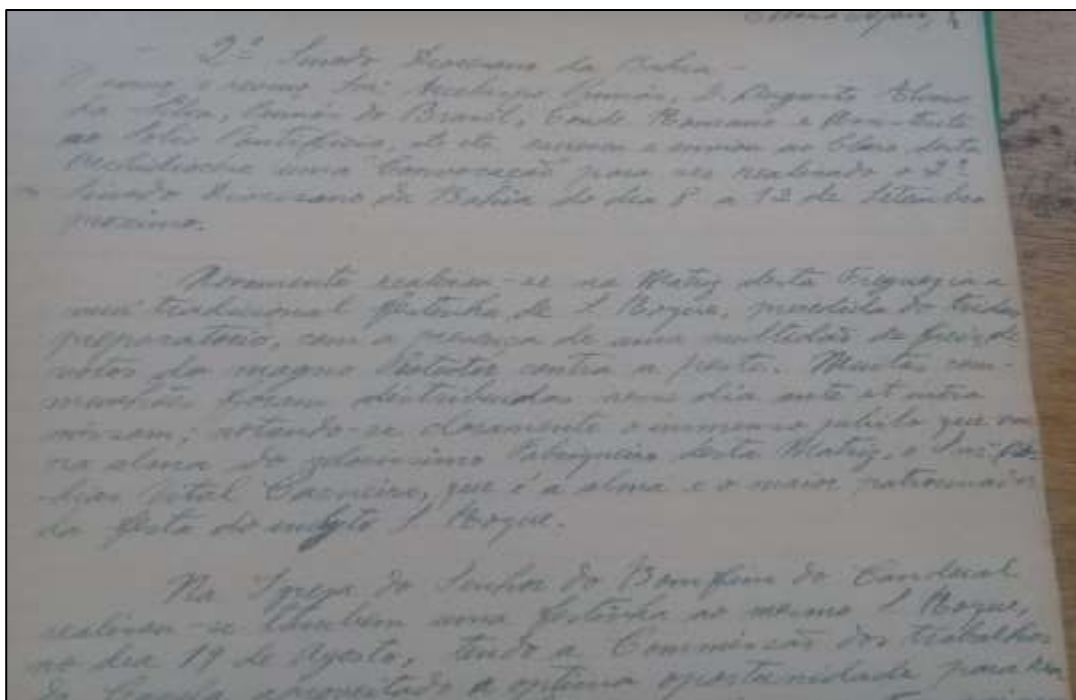
Diferente do que a historiografia brasileira nos apresentou durante muito tempo, surgiram abordagens diferenciadas, com novos temas de pesquisa que possibilitaram, sobretudo, que os sujeitos ganhassem voz ativa e aparecessem como protagonistas de suas próprias histórias. As festas e ritos têm como principal função a de atualizar e ressignificar o tempo, que até certo ponto é recuperável através das memórias, assim, participando ou protagonizando esses eventos o devoto acaba recriando o tempo inicial. As manifestações religiosas não significam apenas um ato de comemoração ou gratidão por parte do fiel, significa também, um ato de atualização, uma forma de reviver o tempo e fortalecer a fé e devoção de um povo. A busca por proteção divina é uma característica presente e forte na religiosidade brasileira. Essa busca acontece a partir do momento em que o devoto está necessitado e deposita sua fé em determinado santo e intercede a este pedindo aquilo que lhes convém.

Para a população jacuipense os festejos em louvor a São Roque são de suma importância, pois o Santo é o segundo padroeiro da cidade, e ganhou tamanha relevância para a população do município, ou seja, a relação de São Roque para com a cidade e a população se estabelece a partir do ano de 1920, quando a população sofreu um surto de epidemia de Peste Bubônica por várias vezes. E se intensifica quando na década de 1930, Riachão do Jacuípe sofreu novamente uma epidemia de peste bubônica e outra de malária, ou seja, o culto a São Roque foi provocado devido a grande incidência de casos da epidemia. O povo de Riachão pedia ajuda a São Roque, rogando-lhe proteção para livrá-los daquele mal que muitas pessoas padeciam, e assim promessas, missas, procissões, tudo era realizado em louvor ao santo para se obter a graça alcançada. Assim, a partir do dia em que a epidemia cessou - se todo dia 16 de agosto de cada ano passou a se comemorar a festa em louvor a São Roque com celebração de missa na Igreja Matriz e festa na praça com a celebração de quermesses.

Todo ano no dia 16 de Agosto se comemora a festa ao glorioso São Roque. Esta tradição vem se mantendo desde a chegada d imagem de São Roque vindo de Lisboa (Portugal) para a Igreja Matriz desta cidade cuja população foi vítima da epidemia de peste bubônica transmitida principalmente por ratos que dizimou dezenas de pessoas na década de 1920 (SOARES, 2014, p. 89).

Abdias Carneiro foi um religioso e representante católico em Riachão do Jacuípe, que sempre esteve envolvido nas questões relacionadas à Igreja Católica, e imbricado no que dizia respeito à Paróquia de Riachão, realizava grandes doações para a Igreja, organizava os festejos, procissões, lavagens e tomava conta da Paróquia dando assim, início aos festejos em louvor ao São Roque de acordo com a entrevistada Idalina Hora que relata, “Foi Abdias que deu início a festa de São Roque”. E fora solicitado o exemplar de arte católica, imagem de São Roque, de procedência portuguesa que foi comprada em Salvador, seguiu de navio para Cachoeira, de trem para Serrinha, e em carro de boi foi deixada em Riachão do Jacuípe, de lá a imagem seguiu nos braços do povo em procissão festiva para a Igreja Matriz, em meio a fogos, cânticos e profunda demonstração de fé. Desde então a população não deixou de louvá-lo pelas ruas da cidade em sua data festiva, 16 de agosto, com missas, novena, leilões e procissão. Assim, 16 de agosto apresenta um dos quatro feriados do município de Riachão do Jacuípe. Os festejos em louvor a São Roque acabaram se tornando parte da cultura, da identidade e principalmente da religiosidade de Riachão como apresenta o registro abaixo referente à página 4 do livro de tombo 3 da Paróquia de Riachão do Jacuípe. O documento abaixo descreve como aconteceu a quermesse do dia 08 a 16 de Agosto do ano de 1977, uma festa bonita com muitas pessoas, celebração da missa, homenagens ao santo, cânticos, rezas e muita fé e devoção por parte da comunidade ali presente.

Figura 5. Registro dos festejos em louvor a São Roque



O documento acima descreve como acontecia a celebração sagrada em louvor ao santo e é uma comprovação da realização desse festejo. Dentre os festejos realizados pela população, está a lavagem de São Roque que fora iniciada em 1920 e acontece até os dias de hoje, obviamente marcados por mudanças. A lavagem saía e sai até os dias de hoje da Rua do Fogo, era realizada pela população pobre menos privilegiada, incluindo lavadeiras, coveiros, feirantes entre outros, ou seja, pela população que se sentia impedida de participar dos festejos na Igreja pela condição social a qual pertenciam. A cidade vivia um momento de transtorno por conta de uma epidemia de peste bubônica e a população resolveu louvar a São Roque no intuito de que o santo viesse proteger a população que vinha sendo dizimada pela peste. A escolha do santo de acordo com Idalina Hora se deu porque Abdias Carneiro desesperado com a epidemia de peste buscou um santo que protegesse contra a pestilência para solicitar ajuda sendo este, São Roque. Assim iniciaram-se os festejos em louvor ao santo. Ao questionar uma de minhas entrevistadas sobre essa devoção da popular que se perpetuou e sobre o fervor desta lavagem no decorrer da década de 80, ela diz:

Era para pedir a São Roque que ele nos livrasse de uma peste que aconteceu, uma doença, chamavam peste, e aí só o senhor São Roque que podia salvar dessa peste aqui na cidade de Riachão do Jacuípe, aí surgiu essa lavagem em louvor a São Roque, o pessoal doente que tinha aquela fé de se salvar. Proteção a São Roque! (MARIA DA CONCEIÇÃO, 15 Mar. 2016)

São Roque se trata de um santo da igreja católica apostólica romana, conhecido por proteger contra a peste e ser padroeiro dos cirurgiões, venerado em várias comunidades católicas o santo tem popularidade por estar fortemente ligado à questão da intercessão e defesa contra a peste, mas é considerado também o padroeiro das prostitutas e que teve sua imagem trazida para Riachão no ano de 1920. (BENEVIDES, 2003)

A glorificação de São Roque, pelo povo, ocorreu imediatamente à sua morte, em 1327, mas seu culto imemorial só foi reconhecido em 1633 pelo Papa Urbano VIII. Seu túmulo, em Montpellier transformou-se em local de peregrinação onde o povo o invocava contra epidemias e doenças graves. Posteriormente, suas relíquias foram instaladas na Igreja de San Rocco, em Veneza (BENEVIDES, 2003, p. 60).

É importante perceber e problematizar os sentidos históricos da devoção em nome de São Roque na cidade de Riachão do Jacuípe partindo do momento em que a devoção se inseriu no contexto social e cultural da cidade e que a louvação tornou-se tão significativa para aquele povo que São Roque passou a ser juntamente a Nossa Senhora da Conceição, símbolo de religiosidade e co-padroeiro da cidade.

As festas e ritos têm como principal função atualizar o tempo, que até certo ponto é recuperável através das memórias, assim, participando ou protagonizando esses eventos, o

devoto acaba recriando o tempo inicial. As manifestações religiosas não significam apenas um ato de comemoração ou gratidão por parte do fiel, significa também, um ato de atualização, uma forma de reviver o tempo e fortalecer a fé e devoção de um povo.

A busca por proteção divina é uma característica presente e forte na religiosidade brasileira. Essa busca acontece a partir do momento em que o devoto está necessitado de proteção e deposita sua fé em determinado santo intercedendo a este à proteção que lhes convém, a população de Riachão do Jacuípe buscava essa proteção juntamente com a cura. Muitas vezes o ato de intercessão aos santos ou a busca por diferentes práticas de cura acontecem mais frequentemente do que a procura dos procedimentos médicos e é importante refletir acerca dessa busca por práticas de cura. Sobre isso Gabriela Sampaio coloca,

“Quando se pensa na legitimidade dos médicos científicos e de seus procedimentos, é preciso pensar na relação dos doutores com os seus diferentes pacientes, tanto aqueles que reclamavam das falhas da medicina científica, quanto os mais afastados dela, mais acostumados a outras práticas de cura. E nesse sentido, como se relacionavam com outras práticas de cura, o quanto estas interferiam na relação dos pacientes com, as práticas oficialmente permitidas” (SAMPAIO, 1995, p. 44).

Essa busca por práticas de cura não oficiais acontece de forma camuflada e desperta conflitos, pois, tanto a Igreja como a população condenam a busca e a realização de tais práticas, principalmente quando elas acontecem com o auxílio de curandeiros. A senhora Carmélia relata que no ano de 1985 houve um surto de febre no povoado onde ela reside em Riachão do Jacuípe e que o surto acometeu seus familiares, Dona Carmélia diz que foi a procura dos serviços do Babalorixá A. J em busca da cura, pois, se desesperou ao ver seus familiares acometidos pela febre. A senhora Carmélia relatou que não foi ao médico e não aconselhou seus familiares a irem, pois acreditava que resolveria o problema na casa do Babalorixá A. J, como de costume, porém não comentou sua atitude com outras pessoas alegando existir preconceito em relação a esse tipo de prática e também que suas companheiras da Igreja certamente iriam critica-la e denuncia-la ao pároco. Ela relata,

Olhe, eu não fui ao médico não. Eu vi todo mundo adoecendo com os mesmos sintomas aí eu disse, a salvação é o senhor A. J. Eu já tenho costume de fazer trabalhos com ele, quando a gente adoece lá em casa eu vou e ele passa os banhos, os defumadores e a gente melhora minha filha, dizem que a fé é quem cura né!? (CARMÉLIA FERREIRA, 13 Jun. 2017).

Podemos perceber que além da questão da fé outros fatores podem justificar a busca por diferentes práticas de cura. Por exemplo, a intercessão aos santos ou a procura por curandeiros em detrimento da procura por médicos que pode ocorrer por questões sociais, ou seja, as pessoas mais afetadas pela peste pertencem normalmente às classes desprezadas pela sociedade, formadas por negros, mulheres prostitutas, pobres, moradores de bairros periféricos, então as

condições financeiras dessas pessoas podem não permitir o acesso delas aos médicos e assim elas se utilizam dos serviços de curandeiros ou da fé nos santos, intercedendo pela cura, como coloca o senhor Oscar, que garantiu que seu filho estava à beira da morte e, no entanto foi curado pela fé no “Glorioso São Roque”.

Menina, quantas vezes eu e Angélica ajoelhamos neste chão para pedir a São Roque para curar nossos meninos. Eles doentes, a gente não tinha condições de levar em médico, médico era difícil no tempo, a gente ia rezar, era a saída. Uma vez mesmo no ano de 1986, a gente chegou a velar Roque nosso filho, porque ele estava desenganado, mais aí Angélica rezou e fez promessa a São Roque e ele sobreviveu (OSCAR DA SILVA, 13 Jun. 2017).

2.3 - O louvor a Nossa senhora da Conceição

A sociedade jacuiense se constituiu sob a égide da Religião Católica, em que a fé em Deus determinou seus destinos e assumiu seu lugar de destaque no centro das tradições desse povo. A crença em Jesus Cristo, na Santíssima Trindade, a louvação à Padroeira, e a todos os santos fatores esses aliados à cultura do homem do Sertão, fizeram crescer no imaginário popular uma gama de manifestações culturais que fazem desse povo os criadores de uma cultura popular dinâmica. Santa e padroeira do município, Nossa senhora da Conceição e sua relação com a comunidade de Rachão é forte. No dia 8 de dezembro é comemorado o dia de Nossa Senhora, da Imaculada Conceição como é tratada por seus devotos, uma homenagem à Maria que, desde sua concepção, no ventre de sua mãe, foi pura e imaculada por nascer sem o pecado original. A fé na Imaculada Conceição é muito presente em Portugal e no Brasil, sendo que no Brasil ganhou maior notoriedade, conquistando grande devoção e fazendo crescer cada vez mais a quantidade de festas destinadas a esta santa, na maioria das vezes com novenas, tríduos ou procissões.

Em Riachão do Jacuípe as mulheres não só tem uma devoção muito forte pela santa, como a tem como exemplo a ser seguido, até por conta da história do município, que teve, no ano de 1838, freguesia criada com o nome de Nossa senhora da Conceição do Riachão e desde então consagrou-se a santa padroeira da localidade. No ano de 1878, conforme lei assinada pelo Barão Homem de Mello, Riachão do Jacuípe foi elevado à categoria de Vila, e pela mesma lei foi criado o município, com o nome de Villa de Nossa Senhora da Conceição do Riachão do Jacuípe, sendo-lhe anexado as freguesias de Nossa Senhora da Conceição do Coité e Nossa Senhora da Conceição do Gavião. (IBGE,

<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=292630&search=bahia|riachao-do-jacuipe|infograficos:-historico>. Acesso em: 08 Abr.2017)

Diante da relação histórica estabelecida entre a população jacuiense e a santa, a partir da fé e devoção, pretende-se através de relatos de memória e de documentos da Paróquia de Nossa senhora da Conceição discutir os aspectos dessa relação entre os fiéis e a padroeira, assim como a importância contínua da mesma para a comunidade de Riachão e analisar a festa que é realizada na sede, todos os anos entre os dias 29 de Novembro e 08 de Dezembro, na Praça da Matriz, onde foi colocada uma estátua da santa no ano de 1954 (RAQUEL MARIA CARNEIRO, 23 mai. 2017).

A festa em louvor a Nossa Senhora da Conceição, acabou por se tornar um terreno fértil para se reconstruir momentos em que a coletividade exercita profundamente seu papel de construtores da história. A devoção, no entanto, não se trata apenas do ato de adorar ou idolatrar a santa, mas, sobretudo, de integrar no pensamento, nas práticas, na família o respeito e a fé na padroeira. Os moradores organizam sua vida social de forma que possam estar presentes na cidade nos dias de festa e não é raro as pessoas usarem alguns momentos das missas para agradecer as graças e pedir à santa que realize milagres, assim como, pedir feitos para a comunidade de um modo geral, visto que a santa é padroeira do município (RAQUEL MARIA CARNEIRO, 23 mai. 2017).

Toda festa, mesmo quando puramente laica em suas origens, tem certas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos ela tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso. Pode-se observar, também, tanto num caso como no outro, as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos, danças, procura de excitantes que elevem o nível vital, entre outros. Enfatiza-se frequentemente que as festas populares conduzem ao excesso, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito.

Existem igualmente cerimônias religiosas que determinam como necessidade violar as regras ordinariamente mais respeitadas. Não é, certamente, que não seja possível diferenciar as duas formas de atividade pública. O simples divertimento, não tem um objeto sério, enquanto que, no seu conjunto, uma cerimônia ritual tem sempre uma finalidade grave. Mas é preciso observar que talvez não exista divertimento onde a vida séria não tenha qualquer eco. No fundo a diferença está mais na proporção desigual segundo a qual esses dois elementos estão combinados. A religião é coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas, com realidades coletivas. Os ritos são exemplos disso. A religião é

um produto do pensamento coletivo. Um quadro abstrato e impessoal que envolve não apenas a nossa existência individual, mas a da humanidade. (Durkheim, 1989, p. 3).

Assim, podemos constatar na fala da senhora Maria Luíza, que esses cantos, movimentos, músicas, que são alguns dos elementos que compõe esses festejos, se fazem presentes também na festa em louvor a Nossa senhora da Conceição do município de Riachão:

Ah... na festa padroeira tem de tudo, tem dança, tem canto, tem reza, leilão, comida para todos os gostos. Todo mundo que vai, reza, come, bebe, dança, só não se diverte quem não quer. E o melhor é que junta o povo das comunidades todas. Ah eu não perco, só se eu tiver doente (Riso) (MARIA LUÍZA SANTANA, 23 Mai. 2017).

No discurso da entrevistada, a mesma apresenta alguns dos aspectos que constituem a festa em louvor a Nossa senhora da Conceição, e de forma talvez inconsciente ela aponta os elementos do sagrado, do profano e registra a importância que tem para ela, participar do festejo.

A festa em louvor a N. S. da Conceição é estruturada em dois momentos, o momento que está associado à força simbólica da imagem de Nossa senhora da Conceição, presente há décadas no altar da Paróquia de Riachão, que corresponde às missas, rezas, cânticos, os ritos como gestos, e depois, as práticas e suas representações, com bingos, leilões, comercialização de produtos e apresentação de bandas. A festa de Nossa Senhora da Conceição se constitui um fato social, pois diversos aspectos giram em torno dessa festividade, tanto no sentido religioso, como também no sentido profano, daí ser um fato social que engloba boa parte da comunidade. Além disso, existe uma multiplicidade de relações de diversas naturezas, sendo essas religiosas, sociais, econômicas, artísticas, lúdicas, políticas, entre outras, que acrescentam algumas peculiaridades ao evento.

Neste contexto temos os santos padroeiros como figuras de relevante importância dentro do universo das devoções das comunidades. A figura da Virgem Maria assume a imagem de Nossa Senhora que nas comunidades ribeirinhas aparece revestida sob a identidade de santas de devoção de grupos de mulheres e de algumas praticantes de cultos místicos como as benzedeiras e rezadeiras. A senhora Antônia que é devota assídua de Santa Rita, e que também é rezadeira relata:

Eu sei que nasci para isso, para rezar! O povo me pede mais para rezar de olhado, vento, espinhela caída, olhado. Mas já estou parando porque estou velha para rezar, só que eu digo que vou parar e fico com dó quando alguém chega pedindo. Eu gosto de rezar as pessoas, fazer o bem, né? Mas olhe quem faz não sou eu não, é Nossa Senhora (ANTÔNIA ARAÚJO, 22 Mai. 2017).

No relato da entrevistada fica evidente a fé inabalável e a devoção por parte da mesma em relação a Nossa Senhora da Conceição e São Roque, e essa fé não parte somente de Dona Antônia, mas também, das pessoas que vão solicitar seus serviços de rezadeira, pois se essas pessoas vão solicitar a reza de Dona Antônia é porque confiam em seu dom de mediadora e, sobretudo, no poder de cura dos santos. Assim, utiliza sua fé para ajudar outras pessoas a serem curadas, dessa forma ocorre o compartilhamento da fé que é coletiva e acaba envolvendo toda a comunidade que vai solicitar os serviços de reza da senhora Antônia, e o “pagamento” pelo ofício é um pacote de velas que é doado para a rezadeira acender para os santos, assim, percebemos que a imagem de um santo possui grande importância para uma comunidade, principalmente porque acredita-se que determinadas imagens tenham poderes especiais, capacidades de milagres e de maravilhas. Assim, os festejos se caracterizam por serem manifestações de fé, de agradecimento por benefícios alcançados e renovação dos pedidos feitos à imagem do santo protetor. Podemos considerar que as festas de santo são promessas coletivas que visam o bem-estar de toda uma comunidade.

2.4 - Santa Rita exemplo a ser Seguido

A glorificação voltada para Santa Rita de Cássia que é padroeira de um dos bairros do município de Riachão da Jacuípe permeia na questão da identificação e devoção por parte das mulheres daquela comunidade que tem a santa como grande exemplo de “mulher” por ter sido perseverante, exemplo a ser seguido.

O Bairro do Alto do Cemitério tem a capela de Santa Rita de Cássia onde ocorre orações em dois dias na semana e em um dia da semana acontece a reunião do grupo jovem, a capela é zelada pelas mulheres do bairro que revezam os dias para realizar a limpeza. O bairro tem uma grande povoação de mulheres com forte devoção católica, mulheres que costumam evangelizar nas comunidades, seja pra pedir a cura de uma pessoa doente, seja pra agradecer uma graça de um amigo que foi alcançada, seja para realizar orações quando um amigo perde um ente querido. “As beatas do Alto do cemitério” como são chamadas, são característica marcante do bairro, pois são solidárias com as comunidades levando a religiosidade até as casas que venham a necessitar, basta haver a necessidade de oração que elas se reúnem para chegar até a casa necessitada. Algumas dessas mulheres têm histórias de vida sofrida e, no entanto não deixam de se solidarizar para apoiar o vizinho ou a comunidade que venha a passa por momentos difíceis. Essas mulheres solicitaram a construção de uma estátua da imagem de Jesus Cristo na

praça que elas batizaram como praça de oração, onde ocorre uma vez na semana orações para a comunidade. A estátua foi colocada na praça principal do bairro Alto do Cemitério no ano de 2012. A solicitação da estátua evidencia a fé católica não só das mulheres como também de toda comunidade do bairro e compõe a cultura religiosa do município e mais especificamente do bairro.

Para compreendermos melhor a questão aqui levantada que se trata das mulheres terem a santa como exemplo de vida é importante conhecermos um pouco da história de vida de Santa Rita. Natural da Província da Úmbria, conhecida região italiana que deu filhos ilustres à Igreja, como São Francisco de Assis e Santa Clara, Santa Rita nasceu em 1381 e morreu aos 22 de maio de 1457. Estas duas datas tradicionais foram consideradas corretas pelo Papa Leão XIII quando a proclamou Santa no dia 24 de maio de 1900.

Figura 6. Imagem de Santa Rita da Capela de Santa Rita Fonte:



Arquivo pessoal Marciel Silva, 2016.

Rita, filha única de Antônio Lotti e Amata Ferri, nasceu em Roccaporena, a 5 km de Cássia, e foi batizada com o nome de Margherita (Margarida em latim que significa pérola ou pedra preciosa) em Santa Maria do Povo, também em Cássia. Seus pais eram ‘pacificadores de Cristo’ nas lutas políticas e familiares entre os Guelfi e os Ghibelini. Deram o melhor de si mesmo na educação de Rita, ensinando-a, inclusive a ler e escrever. Aos 16 anos Rita se casou

com Paolo di Ferdinando Mancini, jovem de boas intenções, mas vingativo. Tiveram dois filhos. Com uma vida simples, rica de oração e de virtudes, toda dedicada à família, ela ajudou o marido a converter-se e a levar uma vida honesta e laboriosa.

Sua existência de esposa e mãe foi abalada pelo assassinato do marido, vítima do ódio entre facções. Rita conseguiu ser coerente com o Evangelho perdendo plenamente todos aqueles que lhe causaram tanta dor. Os filhos, ao contrário, influenciados pelo ambiente e pelos parentes eram inclinados à vingança. A mãe, para evitar que se destruíssem, humana e espiritualmente, pediu a Deus que tirasse a vida deles, pois ela preferia vê-los mortos que manchados com sangue da vingança. Ambos, ainda jovens, viriam a falecer em consequência de doenças naturais. (CANÇÃO NOVA, <https://formacao.cancaonova.com/santo/santa-rita-de-cassia-conhecida-como-santa-dos-impossiveis/>. Acesso em: 18 Mai, 2017).

Rita viúva e sozinha, pacificou os ânimos e reconciliou as famílias com a força da oração e do amor; só, então, pôde entrar no mosteiro agostiniano de Santa Maria Madalena, de Cássia, onde viveu por 40 anos, servindo a Deus e ao próximo com uma generosidade alegre e atenta aos dramas do seu ambiente e da Igreja do seu tempo.

Nos últimos 15 anos Santa Rita teve sobre a testa o estigma de um dos espinhos de Cristo, completando, assim, na sua carne os sofrimentos de Jesus. Foi venerada como santa imediatamente após a sua morte, como atestam o sarcófago e o Códex miraculorum, ambos documentos de 1457-1462.

Seus ossos, desde 18 de maio de 1947, repousam no Santuário, em uma urna de prata e cristal fabricada em 1930. Recentes exames médicos informaram que sobre a testa, à esquerda, existem traços de uma ferida óssea. O pé direito apresenta sinais de uma doença sofrida nos últimos anos, talvez, uma inflamação no nervo ciático. Sua altura era de 1,57m. O rosto, as mãos e os pés estão mumificados, enquanto que sob o hábito de religiosa agostiniana existe, intacto, o seu esqueleto. (CANÇÃO NOVA, <http://santo.cancaonova.com/santo/santa-rita-de-cassia-conhecida-como-santa-dos-impossiveis/>. Acesso em: 18 Mai, 2017)

Os festejos religiosos se configuram como eventos ligados ao sacramento cristão, e cada evento deste possui sua própria história e razão de existência, vindo a representar devoção. Podendo ser definidas como, manifestações culturais que se caracterizam, entre outros aspectos, por serem eventos efêmeros e transitórios, perdurando, dias ou semanas. Os festejos religiosos

apresentam para os moradores das comunidades, rituais e objetos que remetem ao divino, à ligação do homem com Deus. Podemos citar a procissão e a celebração como momentos principais ligados ao sagrado.

A festa em louvor a Santa Rita Cássia na comunidade do Alto do Cemitério ocorre entre os dias 19 e 22 de Maio de cada ano. É importante ressaltar que o festejo se iniciou a partir da devoção de Dona Benta e que a família deu continuidade ao mesmo. A festa acontece há 15 anos, a senhora Benta por ser devota de santa Rita construiu a capela e passou a convocar toda a comunidade para glorificar a santa ao dia 22 de Maio de cada ano, a festa foi se resignificando com o passar dos anos, pois, de início só se realizava a missa no dia 22, acrescentou-se os leilões, a alvorada, os bingos, a comercialização de alimentos e de diversos produtos doados pela comunidade. Pois, inicialmente só aconteciam as missas na capela. A festa tem uma enorme participação de mulheres devotas que enxergam na Santa, um exemplo de mulher a ser seguido.

A trajetória de Rita no convento, marcada pela devoção, flagelos, jejuns, correspondia a uma prática de devoção que teria se desenvolvido na Europa desde o século XIII. Uma espiritualidade baseada na crença de que a mulher seria capaz de entender melhor os aspectos do mistério da redenção e por isso seria mais fácil se identificar fisicamente com a vítima do calvário. Os estigmas possibilitavam essas mulheres se aproximarem de Cristo e por conta dos constantes flagelos elas praticavam e renovavam o drama da paixão de Cristo (LIMA, 2006, p. 41,42).

Foi possível perceber por parte de algumas mulheres a repetição de práticas de devoção, como por exemplo, o jejum que é uma prática frequente na vida da Senhora Maria Luíza, que diz fazer promessas de jejum e orações para a santa em troca de graças alcançadas como forma de gratidão. Ou seja, ela promete orar e jejuar caso seus pedidos sejam alcançados, sobre isso ela diz,

Eu mesma estou sempre pedindo a Santa Rita, faço minha oração para pedir, que é assim, Ó poderosa Santa Rita de Cássia, chamada Santa dos Impossíveis, advogada dos casos desesperados, auxiliar na hora extrema, refúgio na dor e salvação para os que se acham nos abismos do pecado e do desespero, com toda a confiança no vosso celeste patrocínio, a vós recorro no difícil e imprevisível caso que dolorosamente me aflige o coração. Dizei-me, Santa Rita, não me quereis auxiliar e consolar? Afastareis vosso olhar piedoso do meu pobre coração angustiado? Vós bem sabeis, conheceis o martírio do coração pelos sofrimentos atrozes que padecesteis, pelas lágrimas amargosíssimas que santamente chorastes, vinde em meu auxílio! Falai, rogai, intercedei por mim que não ousa fazê-lo ao Coração de Deus, Pai de misericórdia e fonte de toda a consolação, e obtende-me a graça que desejo. Aí eu faço o meu pedido

três vezes e digo: apresentada por vós, que sois tão cara ao Senhor, a minha prece será aceita e atendida certamente, valer-me-ei desse favor para melhorar a minha vida e os meus hábitos, e para exaltar na terra e no céu as misericórdias divinas. Amém. Aí eu rezo três vezes, o pai nosso, avemaria e glória! Aí é só esperar, quando eu alcanço minha graça faço meu jejum e rezo mais para agradecer (MARIA LUÍZA, 23 Mai. 2017).

Na fala da senhora Maria fica evidente sua suprema adoração à santa e a fé inabalável que ela deposita na mesma, assim como, a esperança de Maria em que seus pedidos sejam ouvidos, e os milagres aconteçam.

Diante da trajetória de vida de Rita de Cássia, sendo uma mulher que sofreu e resistiu pacientemente, às mulheres da comunidade queriam tomar este exemplo para suas vidas, o exemplo de perseverança, dessa forma, para essas mulheres o lar da família passou a ser exaltado como o melhor lugar de felicidade, e espaço de autonomia das mulheres. Nele a mãe deveria velar pelos seus filhos e pelo seu marido, sendo a guardiã moral do grupo familiar. Nesse ambiente, as características “naturais” de fragilidade e sensibilidade, consideradas por muito tempo como uma suposta inferioridade feminina, passaram a ser valorizadas como positivas e desejáveis. A ideia de sensibilidade passou a ser associada à de sentimentalidade, reforçando a concepção de que haveria uma predisposição natural da mulher em ser mais volúvel no que se referia às questões de ordem emocional e moral.

Essa visão, por sua vez, seria atrelada à crença de que a mulher teria melhor capacidade para apreender e transmitir as virtudes morais da religião na família. Para isto recorreu-se à ao exemplo de Maria. Esta foi uma mãe exemplar, que tinha aceitado com resignação os desígnios do Pai, os sacrifícios e a dor. Também aceitou ser mediadora para a encarnação divina, apresentando-se como intermediária entre Deus e os filhos.

A devoção aos novos dogmas marianos dos anos oitocentistas inseria-se também num conjunto de práticas e tentativas de restauração católica que ficou conhecida como “romanização”. Ao lado da adoração de Maria, a Igreja teria incentivado a devoção ao Sagrado Coração de Jesus o qual, por sua ênfase no aspecto sentimental e intimista, teria ganhado mais espaço entre as mulheres.

A mulher devia ser submissa e obediente ao marido, não como uma serva, mas como uma companheira, isto é, de modo que a submissão que lhe prestasse não fosse separada nem do decoro nem da dignidade (dentro do casamento, sob a tutela do marido). Porém, a Igreja

reconhecia que a vida matrimonial podia ser um peso ou um martírio para elas e, às esposas, pedia submissão e espírito de abnegação.

Se o mundo era para todos um vale de lágrimas, era em especial para as mulheres que não poderiam negar os seus deveres conjugais: “o marido é uma dádiva de Deus que conduz a mulher, através do sacrifício, à santidade” E sobre seguir os passos de Santa Rita, Antônia diz,

O meu sofrimento com meu filho me dignificou como mulher, minha filha... Me fez ficar forte para enfrentar as batalhas da vida, foram tantas noites chorando em claro, sem saber por onde ele andava, sabia que estava por aí bebendo e se drogando, mas não sabia se estava vivo ou morto e meu marido me culpando por não ter conseguido criar E. C, a gente brigava todos os dias por isso, ele me xingava toda e isso era um pé para ir procurar mulher fora. Mas eu sabia do fundo do meu coração que eu tinha que passar por tudo aquilo, assim como Santa Rita, que sofreu, mas foi paciente e perseverante (ANTÔNIA ARAÚJO, 22 Mai. 2017).

Na fala da entrevistada percebemos um discurso pautado e preocupado em justificar o sofrimento, Antônia se mostra conformada com seu destino, acreditando que tinha mesmo que passar por tudo que passou para, a partir disso, superar e se colocar como uma mulher paciente, forte, assim como a santa pela qual ela tem devoção que tem uma história de perseverança.

2.5 - A importância da Igreja católica e dos santos católicos para Riachão

Riachão do Jacuípe tem uma base religiosa e uma cultura popular religiosa constituídas desde seus primórdios e considera com grande importância a Igreja Católica e seus santos. Diante das entrevistas realizadas e do conhecimento adquirido sobre a cidade, apresento a importância da Paróquia e da devoção aos santos católicos para a população jacuipeense.

A fé do povo jacuipeense foi constituída principalmente através da perpetuação de práticas de devoção tradicionais por parte dos fiéis que seguiram exemplos de pais, avós e mantiveram a devoção. A fé católica do povo de Riachão é marcada pelo respeito e gratidão aos santos que fazem parte da história da cidade, que se tornaram padroeiros e co- padroeiros e marcaram a origem das comunidades devotas, é possível observar a relação pessoal dos fiéis católicos para com os santos e a preocupação dos mesmos em seguir à risca a religião tradicional católica.

Riachão foi sendo constituída sob a égide da Religião Católica, onde a fé em Deus e a religiosidade destinou a vida das pessoas e obteve lugar de destaque em meio à cultura popular, e diante do respeito e temor a Deus, a louvação à Padroeira e a gratidão a São Roque se constituíram característica principal daquela comunidade aliados à cultura do homem sertanejo,

que fizeram crescer no imaginário popular dessa cidade uma série de manifestações culturais que fazem desse povo pertencentes a uma cultura popular única e dinâmica. Assim, a fé nos santos permanece viva e crescente, pois, de acordo com Dona Dinha, “O homem precisa acreditar em um ser superior e ter uma força maior para lhe orientar”. O discurso de Dona Dinha é semelhante ao discurso de outros entrevistados que quando questionados sobre a importância do catolicismo manifestaram, respeito, fé e temor ao mesmo tempo, o que nos faz refletir sobre o poder, autoritarismo e doutrinação que a Igreja sempre obteve sob a humanidade o que em alguns momentos praticamente “obrigou” a sociedade a seguir suas doutrinas sem questionamentos.

A Igreja católica por sua vez sempre foi a principal base doutrinadora da sociedade de um modo geral e em Riachão não foi diferente, tanto que foi solicitada a construção da Freguesia por parte da comunidade que povoou as terras jacuipenses em seus primórdios e que queriam estar mais próximos de Deus. Assim, durante a pesquisa foi possível verificar que a comunidade jacuipense é fortemente ligada à base da Igreja, uma ligação constituída principalmente pela fé e pelo temor a Deus e aos santos, se fazendo assim, importantes para um povo que tem a fé católica enraizada.

CONCLUSÃO

Diante de todos os conceitos e aspectos abordados no presente estudo que observou os festejos e devoções do povo de Riachão do Jacuípe, que fora construído através da busca de memórias dos sujeitos, pode - se perceber como as festas populares em louvor aos santos e padroeiros, são capazes de influenciar na história de uma cidade e de transformar a vida das pessoas, interferindo nas questões culturais, políticas, sociais, econômicas e principalmente religiosas.

Neste trabalho se constata o início das práticas religiosas do catolicismo no município que tem uma base católica desde as primeiras povoações e os registros dos festejos por parte das comunidades em louvor aos diferentes santos da Igreja Católica. Através das memórias históricas pessoais e coletivas foi possível analisar os festejos em louvor a São Roque, os festejos em louvor a Santa Rita de Cássia, festejos em louvor a Nossa senhora das Candeias, assim como, os festejos em louvor a Nossa senhora da Conceição, que são práticas de devoção individuais e coletivas e que certamente possibilita aos fiéis terem em comum a fé. Festejos que agregam elementos do sagrado e do profano, onde se encontram práticas adversas que são utilizadas para glorificar os santos padroeiros ou pelos quais se tem devoção.

São as práticas religiosas de um povo constatadas principalmente nos festejos que não se reduzem apenas a grandes atrações, multidões de pessoas bebendo e dançando, vai muito além disso, pois uma manifestação cultural pode ser repleta de sentidos religiosos, diretos ou ocultos. Através das falas das pessoas entrevistadas ficou evidenciada a fé e devoção, assim como, o quanto que as lavagens, procissões e alvoradas representam uma forte tradição religiosa, que é característica do município. Concluimos ainda a importância desta pesquisa para a história local e regional, pois não se tem referências de trabalhos voltados para a abordagem da religiosidade do município de Riachão do Jacuípe que consequentemente pode vir a contribuir para a realização de outras pesquisas, inclusive voltadas para a questão cultural. Salienta-se ainda que não se apresentaram mudanças significativas na realização desses festejos que de acordo com os entrevistados precisam ser levados adiante de forma que conserve a tradição que é permeada de geração em geração.

LISTA DE FONTES

- LIVROS DE TOMBO, 05 Abr. 2017
- Site da Associação San Rocco, www.sanroccodimontpellier.it, 07 Jul, 2015.
- Site da formação Canção Nova, <https://www.cancaonova.com>, 12 Jun, 2017.
- Site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, www.ibge.gov.br, 18 Mai, 2017.
- Site do Instituto de Estudos Sócio- Ambientais, <https://www.iesa.ufg.br>, 20 Mai, 2017.
- SOARES, Amarílio. **Memórias de Riachão do Jacuípe**. Riachão do Jacuípe-BA, 2014
- Entrevista com a senhora Adilina Carneiro- Data 22/05/2017- Duração: 00:08:20;50 (84 anos de idade).
- Entrevista com a senhora Antônia Araújo- Data 22/05/2017- Duração: 00:10:05;08 (70 anos de idade).
- Entrevista com a senhora Arlinda de Lima- Data 15/06/2017- Duração: 00:04:21;31 (70 anos de idade).
- Entrevista com a senhora Carmélia Ferreira- Data 13/06/2017- Duração: 00:06:03;50 (80 anos).
- Entrevista com a senhora Dinha Souza- Data 15/06/2017- Duração: 00:05:02;38 (49 anos de idade).
- Entrevista com a senhora Francisca dos Anjos- Data 17/06/2017- Duração: 00:07:58;12 (87 anos de idade).
- Entrevista com a senhora Idalina Hora- Data 15/04/2017- Duração: 00:09:05;13 (77 anos de idade).
- Entrevista com a senhora Margarida das Neves- Data 15/06/2017- Duração: 00:08:58;01 (72 anos de idade).
- Entrevista com a senhora Maria da Conceição- Data 15/03/2016- Duração: 00:09:07;89 (58 anos de idade).
- Entrevista com a senhora Maria dos Santos- Data 03/01/2016- Duração: 00:07:10;18 (56 anos de idade).
- Entrevista com a senhora Neide Almeida- Data 14/06/2017- Duração: 00:05:05;04 (51 anos de idade).

- Entrevista com a senhora Raquel Maria Carneiro- Data 23/05/2017- Duração: 00:07:02;73 (77 anos de idade).
- Entrevista com Maria Luíza Santana- Data 23/05/2017- Duração: 00:06:50;13 (59 anos de idade).
- Entrevista com o Senhor Antônio Edilson- Data 28/10/2014- Duração: 00:08:02;75 (67 anos de idade)
- Entrevista com o senhor Nilson Costa- Data 14/06/2017- Duração: 00:08:13;5 (47 anos de idade).
- Entrevista com o senhor Oscar da Silva- Data 13/06/2017- Duração: 00:04:30;18 (65 anos de idade).

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. **O Império do Divino: Festas religiosas e Cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900.** Nova Fronteira, São Paulo: Fapesp, 1999.

AZEVEDO, Thales. **O catolicismo no Brasil: Um campo para a pesquisa social.** Salvador: Edufba, 2002. em: <https://repositorio.ufba.br>. Acesso em: (12 Jun. 2017).

BENEVIDES, Nete. **A Louvação das Prostitutas de Riachão do Jacuípe ao glorioso São Roque.** Salvador: Secretária da Cultura e Turismo. FUNCEB, 2006.

BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna: Europa (1500-1800).** São Paulo: Companhia das letras, 1989.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução de Sergio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

COUTO, Edilece Souza. **Tempos de festas: homenagens a Santa Barbara, Nossa Senhora da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860-1940).** Salvador: EDUFBA, 2010.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Carnavais e outras f(r) estas: ensaios de história social da cultura.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, Cecult, 2002.

DEL PRIORE, Mary Lucy. **Festas e utopias no Brasil colonial.** São Paulo: Brasiliense, 2000.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2008.

FERRETI, Sérgio Figueiredo. **Festas religiosas populares em terreiros de culto afro.** Amazônia: 2006. Disponível em site: <http://www.gpmina.ufma.br>. Acesso em: 10 de Dez. de

GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo. **O Brasil imperial, III: 1870-1889.2.ed.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço.** São Paulo: Companhia das letras, 2001.

LEONEL, Guilherme. **Entre a cruz e os tambores: Conflitos e tensões nas Festas do Reinado (Divinópolis - M.G.).** Belo Horizonte, 2009.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral.** São Paulo: Loyola, 2005.

MEIHY, José Carlos. **Manual de história oral.** 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

RODRIGUES, Nina. **Os Africanos no Brasil.** 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

SOUZA, Edmária. **Vestígios no tempo: Escravidão e liberdade em conceição do Coité (1869-1880).** Conceição do Coité: UNEB, 2012.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado.** São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VAINFAS, Ronaldo. SOUZA Juliana Beatriz. **Brasil todos os Santos.** 2ª ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 2002.